

Organizadores:
Alexandre Félix Silva
Sheila Maria Gonçalves da Silva

SABERES DA PRÁXIS

REFLEXÕES E EXPERIÊNCIAS NO MUNDO DO
TRABALHO EM FACE DA PANDEMIA DE COVID-19



**SABERES DA PRAXIS: Reflexões e Experiências no Mundo do Trabalho em Face da
Pandemia de COVID-19 (e-book)**

ORGANIZAÇÃO

Alexandre Félix Silva (Mestre em Educação e Ensino – UECE)

Sheila Maria Gonçalves da Silva (Mestre em Educação e Ensino – UECE)

UMA PUBLICAÇÃO:

Editora Celeiro dos Sonhos

CNPJ: 37.344.888/0001-90

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Saberes da práxis [livro eletrônico] : reflexões e experiências no mundo do trabalho em face da pandemia de COVID-19 / organização Alexandre Félix Silva, Sheila Maria Gonçalves da Silva. -- Quixadá, CE : Editora Celeiro dos Sonhos, 2024. PDF

Vários autores.

Bibliiografia.

ISBN 978-65-993469-2-7

1. COVID-19 - Pandemia 2. Educação 3. Prática de ensino 4. Prática pedagógica I. Silva, Alexandre Félix. II. Silva, Sheila Maria Gonçalves da.

24-239235

CDD-370.115

Índices para catálogo sistemático:

1. COVID-19 : Pandemia : Educação 370.115

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Realização



Produção



CONSELHO DIRETOR - QUADRIÊNIO 2024 A 2028

DIRETORIA EXECUTIVA

PRESIDENTA

Izaltina de Oliveira Gonzaga Rodrigues

VICE-PRESIDENTA

Antônia Eli Paulino Barreto de Farias

SECRETÁRIA GERAL

Maria Agacir de Matos Vieira

PRIMEIRA SECRETÁRIA

Valdísia Araújo Prudêncio

SECRETÁRIA DE FINANÇAS

Ozanir Evângela Oliveira

PRIMEIRA TESOUREIRA

Isabel Maria Assunção Apolônio

DIRETORA DA SECRETARIA DE FORMAÇÃO

Sheila Maria Gonçalves da Silva

DIRETORA DA SECRETARIA DE ASSUNTOS JURIDÍCOS

Maria Socorro Ricarte

DIRETORA DA SECRETARIA DE POLÍTICAS SOCIAIS

Francisca Neiva Esteves da Silveira

DIRETORA DA SECRETARIA DE POLÍTICAS INTERSINDICAIS

Bruna Pereira de Freitas

DIRETORA DA SECRETARIA DE IMPRENSA E COMUNICAÇÃO

Camila dos Santos Magalhães

DIRETORA DA SECRETARIA DA MULHER TRABALHADORA

Maria das Graças Costa

DIRETOR DA SECRETARIA DE ASSUNTOS ECONÔMICOS E PESQUISA

José Weliton da Silva Oliveira

DIRETOR DA SECRETARIA DA SAÚDE DO TRABALHADOR

Francisco Eloni de Sousa Silva

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	06
INTRODUÇÃO	07
O COMPLEXO EDUCATIVO NO CONTEXTO DA PANDEMIA COVID-19: EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA PÚBLICA NA CIDADE DE QUIXADÁ-CE	11
A COMUNICAÇÃO SINDICAL NA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS SARS – COV-2	29
DIÁRIO A BORDO DAS ACS'S EM QUIXADÁ: PRÁTICAS DE CUIDADOS NA PANDEMIA DA COVID 19	39
(RE)PENSAR A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO MUNICÍPIO DE QUIXADÁ ATRAVÉS DO USO DA TECNOLOGIA NO PERÍODO DA PANDEMIA	59
ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE PANDEMIA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES	78
ANÁLISE DO PROJETO CLUBE DE ESCRITORES: DESAFIOS DE CONSTRUIR SONHOS NA PANDEMIA DE COVID-19	94

APRESENTAÇÃO

Formar permanentemente a Classe Trabalhadora em um Mundo de permanentes transformações: essa é a missão da Política de Formação do SINDSEP de Quixadá, Ibaretama, Banabuiu, Choró e Ibicuitinga.

As profundas transformações, ocorridas na Sociedade pluralista em que se está inserido, afetam multilateralmente homens e mulheres de maneiras diferentes, tendo em consideração os papéis sociais distintos de ambos fazendo frente às implicações no posicionamento político, econômico e cultural.

A nossa Pedagogia Sindical foi forjada no berço de lutas sindicais aliançadas com a gênese histórica institucional de sua mantenedora, constituindo-se na construção cultural e social pela qual os indivíduos têm seus papéis distintos implicando posições hierárquicas na sociedade, determinam-se a partir das variadas performances, supondo responsabilidades múltiplas, necessidades, possibilidades de acesso, controle dos recursos e na tomada de decisões.

A perspectiva da nossa Política de formação se configura na análise dos processos políticos de inserção deve concentrar sua atenção na existência de um conjunto de relações compartilhadas proporcionando a Igualdade de Oportunidades.

Para o SINDSEP de Quixadá e Região, a ação formativa na ambiência dos trabalhadores e trabalhadoras NÃO SE DÁ DE FORMA ISOLADA MAS SE INTERRELACIONA COM A COMUNIDADE EXTERNA, prestigiando, sobretudo, a COMUNIDADE ACADÊMICO-CIENTÍFICA DA UECE/FECLESC, se materializando no oferecimento de condições de CONCEPÇÃO, ACESSO, INSERÇÃO E PERMANÊNCIA dos sujeitos a uma plataforma de qualidade de vida para todos e todas.

INTRODUÇÃO

O Mundo vive uma terrível pandemia e com ela a vida de todos nós mudou em algum nível. A convivência ganhou contornos necessários de distanciamento social e o Mundo do Trabalho teve que fazer adaptações.

Os(as) trabalhadores(as), nas mais diversas áreas, por exemplo: Educação, Saúde, Assistência Social, Agricultura, Meio Ambiente, Cultura e Tecnologias Digitais, tiveram que fazer adaptações, redescobrir formas e readequar conteúdos, redirecionando as teorias e as nossas práticas.

O SINDSEP de Quixadá e Região estava preparado para esse novo momento de formação digital, pois já vinha desenvolvendo atividades formativas à distância e semipresencial através do AVASIND (Ambiente Virtual de Aprendizagem Sindical) e, desta maneira, continuamos nos readaptando e melhorando nossas ferramentas para a Educação à Distância. Assim, aconteceu com vários segmentos sociais e trabalhistas que tiveram que adaptar-se ao novo modo de vida e de trabalho em face da pandemia.

Lançamos um edital para selecionar artigos escritos por trabalhadores e trabalhadoras contando suas experiências mediatizadas pelas tecnologias digitais mediante o contexto do necessário distanciamento social.

O presente e-book SABERES DA PRÁXIS: REFLEXÕES E EXPERIÊNCIAS NO MUNDO DO TRABALHO EM FACE DA PANDEMIA DE COVID-19 é uma oportunidade dos(as) servidores(as) apresentarem suas experiências de trabalho e de aprendizagem em decorrência das condições impostas pela pandemia da covid-19.



ARTIGOS



O COMPLEXO EDUCATIVO NO CONTEXTO DA PANDEMIA COVID-19: EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA PÚBLICA NA CIDADE DE QUIXADÁ-CE.

Layslândia de Souza Santos¹
Lailton de Souza Santos²
Antonia Jucilene Candido Silva Nobre³

RESUMO

Este trabalho se propôs a realizar reflexões relacionadas aos desafios e experiências vivenciados no complexo da educação durante o contexto da maior crise sanitária do século XXI. O estudo foi guiado pelo materialismo histórico dialético, com abordagem qualitativa. Em linhas gerais, o trabalho docente configurado no 'ensino remoto' da educação básica pública constitui um desafio imensurável para a comunidade escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, desafios, pandemia.

¹ Mestra em Educação em Ensino pelo Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino da Universidade Estadual do Ceará (MAIE/UECE), graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), professora efetiva da rede pública municipal de Quixadá-Ce – sousalays7@gmail.com

² Mestre em Educação em Ensino pelo Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino da Universidade Estadual do Ceará (MAIE/UECE), graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) - lailton0110@gmail.com

³ Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Kurius, graduada em Pedagogia pela Faculdade Nossa Senhora de Lurdes, graduada em Letras pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), professora efetiva da rede pública municipal de Quixadá-Ce – jucycandido1@gmail.com

INTRODUÇÃO

A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARSCoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de alcance global. Os primeiros casos do novo coronavírus foram registrados em dezembro de 2019, na China. Em fevereiro de 2020, na cidade de São Paulo, foi confirmado o primeiro caso no Brasil, o qual, ainda no mesmo mês, decretou estado de emergência na saúde pública (BRASIL, 2021).

No contexto da maior crise sanitária do mundo neste século XXI, em decorrência da Pandemia COVID -19, que no Brasil registra, no mês de Julho de 2021, mais de 500 mil óbitos e 18.000.000 infectados, provocando severos desdobramentos em todos os complexos sociais, com agravamento na saúde, economia e educação. Este fato coloca o Brasil como um dos piores gestores da Pandemia no mundo, tornando-se o epicentro do vírus.

Diante deste cenário, o sistema educacional, em todos os níveis, teve que se ajustar para atender ao necessário isolamento social e para tanto, o exercício da docência presencial foi substituída por um ensino à distância, via online, através de plataformas digitais e, sobretudo, por WhatsApp, em que passamos a denominar de 'ensino remoto'.

A presente pesquisa reflete e analisa as experiências e desafios da educação em tempos de pandemia, especificamente na cidade de Quixadá-Ce. Pautados no método qualitativo, sob a perspectiva do materialismo histórico dialético, buscamos compreender quais os desdobramentos do ensino remoto da educação pública, desvelando como se expressam estes impactos da pandemia COVID-19, através de experiências na educação básica durante este período de novas demandas a educação escolar.

Em linhas gerais, o ensino e o complexo educacional precisaram se adaptar aos novos moldes impostos pela pandemia e sem uma política

pública específica de oferta de computadores, banda larga de internet e treinamento, os professores e alunos sem acesso tecnológico e desconhecimento do manuseio desses instrumentos, foram submetidos, de modo aligeirado, a este formato de ensino remoto. Outrossim, o espaço escolar restrito ao domicílio, associado aos danos materiais e psicológicos, resultaram em fragilidade na qualidade da educação, acirrando, sobremaneira, as desigualdades e a vulnerabilidade social, cuja maiores vítimas são as crianças e adolescentes das regiões pobres do Brasil.

O complexo educacional já apresentava sérios problemas que estão relacionados a própria constituição e estrutura da educação. O Brasil é um país profundamente marcado pelas desigualdades sociais, e isso reflete sobremaneira na educação que é destinada as crianças e jovens da escola pública. Antes mesmo da Pandemia Covid-19, o cenário da educação nacional já era preocupante. De acordo com os resultados do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), que apresenta os indicadores que avaliam a qualidade educacional dos países, o Brasil ocupa o 58º e 60º lugar em leitura, fica entre 66º e 68º em ciências e entre 72º e 74º em matemática (PINTO, 2019, s/p). Vale ressaltar que nessa edição de 2018, publicada em 2019, o PISA analisou 79 países.

De acordo com Pinto (2019), a nota geral do Brasil está entre as mais baixas do mundo nas três áreas avaliadas: leitura, matemática e ciências. Esses dados referem-se ao ensino público, quando analisados os índices do ensino privado (que chegaram a ocupar a 5ª posição no Ranking), o cenário deixa explícito o grande abismo que existe em relação ao nível de qualidade educacional ofertado para as diferentes classes sociais no país.

Estes dados evidenciam um dos problemas mais graves do sistema educacional brasileiro, ou seja, a profunda precarização da educação pública e a desigualdade social e econômica no qual os cidadãos brasileiros estão imersos. Moreno e Valadares (2019), baseados no Mapa da Aprendizagem

que analisou os dados do referido PISA (2018), apontam que o país possui a 5ª maior desigualdade entre alunos, sendo uma das nações cuja disparidade na aprendizagem é das mais agudas.

Como podemos perceber, já vivenciávamos um cenário de intensa precarização da educação pública, e é neste contexto que o Brasil passa a enfrentar um desafio histórico que potencializa todos estes problemas. Com o agravamento da pandemia Covid-19 no país, as aulas presenciais precisaram ser suspensas, e os meios digitais passaram a ser usados para dar continuidade ao ensino. Porém, como há de se imaginar, existe uma grande quantidade de estudantes que não tem acesso e nem condições de participar deste modelo de educação. Existe ainda um outro agravante, este tipo de ensino se constituiu como uma metodologia urgente, o que explicita as fragilidades docentes em relação ao domínio de metodologias tecnológicas na educação.

O lócus de nossa reflexão parte das vivências enquanto educadores e educadoras na cidade de Quixadá-Ce, município do Ceará distante 160km da capital Fortaleza. Quixadá é um município do Estado Cearense e pertence à Mesorregião do Sertão Central e à Microrregião do Sertão de Quixeramobim; é a maior cidade do Sertão Central, com uma estimativa, em 2020, de aproximadamente 88.321 habitantes⁴.

Os índices educacionais do referido município são preocupantes. De acordo com o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), que é responsável por diagnosticar a qualidade da educação brasileira, Quixadá ocupa a 3.607ª posição entre os 5.570 municípios brasileiros; no Estado, sua posição é a 169ª de 184 cidades, e, se comparado somente aos municípios da Mesorregião do Sertão Central, ele ocupa a 10ª posição entre 11 municípios.

⁴ Informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/>

Portanto, compreender como isto se materializa no cotidiano e nas práticas educacionais torna-se essencialmente importante. Construir reflexões neste sentido pode contribuir para o entendimento e formulação de novas práticas educacionais e metodologias que ajudem a melhorar a qualidade da educação e do ensino público, bem como repensar o contexto em que os docentes e estudantes estão inseridos.

REFERENCIAL TEÓRICO

As discussões e reflexões apresentadas neste trabalho partem de um estudo teórico pautado em três principais momentos: entendimento dos problemas estruturais do complexo educacional, explicação dos caminhos metodológicos usados na presente pesquisa e análise das experiências e desafios da educação em tempos de pandemia na cidade de Quixadá.

Para compreendermos os problemas estruturais, dialogaremos com Mézáros (2011), Santos (2017), Santos. E (2019), Lima e Jimenez (2011) Saviani (2020). O diálogo com estes intelectuais nos possibilitou compreender as estruturas que tornam o complexo da educação tão desigual, o que afeta profundamente a qualidade do ensino das crianças e jovens da escola pública, bem como entender qual o papel destinado a educação no sistema social e econômico vigente.

No intuito de desenvolvermos cientificamente o percurso metodológico, conversamos com Marx & Engels (2007) para explicar o porquê do materialismo histórico dialético ser essencial para a nossa análise e compreensão do real, e nos pautamos ainda no entendimento do método qualitativo, para a análise de dados e informações que foram usados para embasar nossas reflexões. Sendo assim, contamos com as importantes contribuições de Minayo (2009), Córdova (2009) e Gil (2007).

Já para realizarmos as nossas considerações a respeito das experiências e desafios da educação básica no contexto da pandemia, nos pautamos nas importantes e recentes produções acadêmicas de Saviani (2020), Pinto (2021), Ramal (2021), Filho et. al (2020), Santos, A. et. al (2020), Santos, E. (2020) e também tecemos nossas considerações alicerçados em documentos que normatizaram o ensino remoto.

METODOLOGIA

No intuito de nos aproximarmos o máximo possível do nosso objetivo, elencamos como método de pesquisa a abordagem qualitativa, que nos permitirá analisar os dados de modo a aprofundarmos a compreensão da problemática deste trabalho. Córdova (2009, p.31) destaca que “os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas [...], na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas”.

Para Minayo (2009), a pesquisa qualitativa aborda um universo de significados que corresponde a uma análise mais profunda das relações, dos processos e dos fenômenos, e não se limita à instrumentalização de resultados. Córdova (2009, p. 32) ressalta, como características da pesquisa qualitativa, a objetivação; a hierarquização das ações de descrever, compreender e explicar; a precisão das relações entre o global e o local de um determinado fenômeno; a observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; o respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; a busca de resultados os mais fidedignos possíveis e oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências.

Por metodologia, compartilhamos da concepção de Minayo (2009, p. 16), que a define como o “caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”. Gil (2007, p. 17) contribui para o assunto explicando que metodologia é um “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”.

A nossa compreensão, análise e reflexão parte do entendimento do método marxista de ação e intervenção na realidade, que, por sua vez, dispõe do materialismo histórico-dialético. Este apresenta a possibilidade de compreender e analisar os fatos para além da aparência imediata do real, possibilitando, assim, uma relação entre o sujeito e objeto. Marx e Engels (2007) destacam que o método materialista histórico-dialético torna possível a construção do conhecimento e a intervenção no real, sendo um modo de interpretar o mundo e agir sobre ele. Podemos salientar que o materialismo histórico-dialético é o método de interpretação e ação sobre a realidade, na medida em que enxerga a existência dos seres humanos dentro de sua historicidade e de acordo com as relações materiais da sociedade humana. As ideias não possuem existência independente, elas partem das condições e funções materiais em que os seres humanos estão inseridos. O movimento histórico é dialético porque está associado às contradições e resoluções da humanidade.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Para prosseguirmos em nosso debate, é necessário que façamos um breve resgate onto-histórico a respeito da constituição do complexo educacional. É de suma importância partir do entendimento da formação do complexo educativo, para que possamos analisar os elementos estruturais que resultam no atual contexto que vivenciamos. Só podemos compreender

adequadamente a educação se partimos da sua origem enquanto complexo fundamental da sociabilidade. A saber, a educação nem sempre esteve acessível e disponível para a maioria da população. Em seu princípio, somente as classes ligadas aos setores da burguesia tinham acesso ao conhecimento sistemático. É necessário entender que em sua constituição, a educação tem imbricada em si dois tipos essenciais: a educação *Lato* e a *Estrito*. A primeira está ligada ao cotidiano, aos saberes manuais e à reprodução da vida e da sobrevivência; e a segunda sistematiza conhecimentos específicos.

Conforme reiteram Lima e Jimenez (2011, p. 84), “a educação é imprescindível em todos os modos de organização social porque sua função consiste em articular o singular ao genérico, reproduzindo no indivíduo as objetivações produzidas ao longo do desenvolvimento do gênero humano [...]”, isso, de acordo com as autoras, possibilita a continuidade do ser social. Santos (2017, p. 43) colabora a essa temática afirmando que “a educação é um fenômeno social imanente aos homens. Ela brota das relações humanas, das contradições vividas na sociabilidade”, tornando-se, assim, um dos complexos potencializadores do desenvolvimento humano.

A formação do complexo educativo na esfera do ser social está atrelada a essa necessidade fundamental para a continuidade do humano enquanto ser genérico. A educação surge para desempenhar essa função imprescindível: através dela, cada ser singular se apropria das objetivações que constituem os traços da sociabilidade, as características humano-genéricas produzidas pelos próprios homens. Santos, E. *et al.* (2018) elucida que o papel realizado pela educação atende a uma premissa universal do ser social, pois todas as formas de sociedade demandam um processo de reprodução da sociabilidade que a caracteriza. Segundo Mészáros (2007, p. 205):

[...] a educação – no sentido mais abrangente do termo [...] desempenha um importante papel. Inevitavelmente, os primeiros passos de uma grande transformação social na nossa época envolvem a necessidade de manter sob controle o estado político hostil que se opõe, e pela sua própria natureza se deve opor, a qualquer ideia de uma reestruturação societária abrangente. [...] o papel da educação é de importância vital desde o início para quebrar a interiorização prevalente das escolhas políticas confinadas à “legitimação constitucional democrática” do Estado capitalista nos seus próprios interesses. (MÉSZÁROS, 2007, p. 215).

Deste modo, a função essencial da educação estaria associada à transmissão e apropriação das características que compõem a genericidade em cada momento concreto de constituir-se como partícipe do gênero humano, porém, com a complexificação do trabalho e a divisão de classes, o complexo educacional tem sua constituição inicial modificada.

Com o advento do sistema capitalista como modelo de produção e reprodução da vida, a educação se encaixa aos moldes deste tipo de sociabilidade. É exatamente neste contexto de adequação as normas de uma sociedade regida pelo capital que se encaixa a nossa discussão sobre o complexo educacional.

Como pudemos evidenciar nos índices educacionais expostos no início desta pesquisa, a educação destinada as crianças e jovens da escola pública difere da que é oferecida aos estudantes de escolas privadas. Neste sentido, podemos inferir que esta situação de desigualdade educacional é potencializada neste período de Pandemia, em que as escolas passaram a adotar o ensino remoto como o único meio viável de educação durante a Pandemia Covid-19.

Além da saúde, economia e assistência social, outro setor bastante impactado pela pandemia de Covid-19 foi a Educação. Com a suspensão de todas as atividades as organizações educacionais foram inevitavelmente atingidas por serem instituições cuja atividade principal é o ajuntamento de pessoas em espaços planejados para o ensino, como as salas de aulas, por exemplo. E, começando pela educação básica até o ensino superior, tanto a rede pública quanto as redes privadas de ensino suspenderam suas atividades presenciais (FILHO *et.al*, 2020, p. 4)

Partindo destes pressupostos, e compreendendo que a educação, desde sua constituição e sistematização tem implicada em si a lógica de um sistema que é estruturalmente desigual, refletimos sobre o que foi possível realizar como processos metodológicos neste período de ensino remoto e tecemos reflexões relacionadas aos desafios e experiências vivenciados.

É neste contexto de precarização que os estudantes têm acesso às atividades remotas. A esse respeito, Saviani (2020, p. 5) reforça:

O advento da pandemia do Coronavírus provocou a necessidade do isolamento social com a recomendação da permanência em casa. Em consequência, no início do período letivo de 2020 as escolas foram fechadas e as aulas suspensas. Surgiu, então, a proposta do "Ensino Remoto" para suprir a ausência das aulas. Essa expressão "ensino remoto" vem sendo usada como alternativa à Educação a Distância, pois a EaD já tem existência regulamentada coexistindo com a educação presencial como uma modalidade distinta oferecida regularmente. Então, o "ensino remoto" é posto como um substituto do ensino presencial excepcionalmente nesse período da pandemia, em que a educação presencial se encontra interdita.

Saviani (2020) afirma que o ensino remoto não pode equivaler ao ensino presencial, e que este se constitui como uma alternativa emergencial

durante o período de pandemia. No entanto, alguns requisitos básicos ainda precisam ser devidamente cumpridos, como o acesso à internet para professores, estudantes de todos os alunos ao ambiente virtual, e, também, é necessário que “todos estejam não apenas alfabetizados em sentido estrito, mas também em sentido funcional e, mais do que isso, não sejam analfabetos digitais” (SAVIANI, 2020, p. 6).

A princípio, precisamos esclarecer que essa demanda obrigatória surgiu de maneira imediata, dificultando assim uma formação profissional para que os docentes e equipes pedagógicas pudessem ter o treinamento adequado para lidar com a situação. Porém, destacamos que a inserção de tecnologias educacionais no processo de formação dos professores deveria ser uma realidade existente, já que está prevista nos documentos que normatizam a educação. Deste modo podemos perceber a precarização da formação docente, que segue repetindo fórmulas antigas a situações novas, ignorando as novas demandas educacionais. Santos, A. *et.al* (2020) contribui:

O trabalho docente no âmbito da pandemia foi extremamente precarizado. Dificuldades e lacunas preexistentes foram potencializadas com o advento do ensino remoto. O período de pandemia evidenciou o quanto a educação está sucateada e deixada de lado. Não há efetividade total no ensino remoto, tendo em vista a redução das possibilidades, ausência de material, o investimento advindo do “bolso” dos docentes, gestores e familiares, reafirmam tal precarização (SANTOS, A. *et.al*, 2020, p.138)

No que se refere a formação docente, ainda destacamos o grande equívoco que persiste nos modelos de ensino público. Grande parte dos profissionais da educação não participam das formações que são organizadas pelas Secretarias Municipais de Educação. A formações coordenadas por estes setores priorizam os docentes de Língua Portuguesa

e Matemática, ignorando os demais. Isso se deve ao fato de que estas duas disciplinas são os focos nas avaliações externas e internas. Porém, em especial neste período de atividades remotas, todos os profissionais que estão ativos ministrando aulas demandam as mesmas necessidades e dificuldades, e este fato continua sendo ignorado pelos órgãos gestores.

Há de se destacar ainda que obviamente, foram ofertados e divulgados cursos e formações voltadas as áreas de tecnologias educacionais. Porém, não é necessário somente que se realize a oferta e divulgação. Os professores precisam de condições de tempo e espaço para participar de 'cursos extras', e na contramão disso, o que podemos vivenciar neste período foi uma crescente demanda de burocracias escolares e formulários que deveriam ser preenchidos.

Ainda refletindo sobre a questão docente neste período, podemos inferir que houve um crescente aumento na demanda de trabalho. Os profissionais da educação tiveram que adaptar suas casas para atender os estudantes e famílias online, além de usarem seus equipamentos pessoais e suas redes de comunicação privada para estabelecer vínculo entre família e escola.

Destacamos ainda que o domínio de tecnologias educacionais se faz necessário não somente aos docentes, mas também as crianças e adolescentes. De acordo com Torkania (2020), no Brasil, 4,8 milhões de crianças e adolescentes, na faixa de 9 a 17 anos, não têm acesso à internet em casa. Silva (2020) destaca que 29% das unidades da rede pública não têm internet e 55% não têm conexão adequada. Estes índices que ficaram evidenciados devido as novas demandas geradas pelo ensino remoto mostram que o conhecimento tecnológico e o acesso responsável a internet

ainda não é realidade para uma grande maioria das crianças e jovens da escola pública brasileira.

As fragilidades que ficaram evidentes durante este período de ensino remoto também estão ligadas as condições as quais as crianças e adolescentes da cidade de Quixadá estão imersas. Devemos ressaltar que a cidade de Quixadá apresenta uma precariedade significativa em relação à qualidade de vida, emprego, moradia e educação. No tocante à empregabilidade, o município tem apenas 8,8% da população empregada, o que o faz ocupar a 71^o posição no Estado do Ceará, que tem 184 municípios, e a 3.834^o posição no ranking empregatício do Brasil. O índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,659⁵.

Outro aspecto que merece destaque em nossas reflexões é a maneira com a qual os sistemas de ensino lidam com os problemas de acesso à educação neste período de Pandemia, pois uma significativa parcela de estudantes não tem condições de acompanhar as atividades online. O que se propôs, a nível municipal, como solução para as crianças que não tinham acesso à internet foram atividades impressas, que deveriam ser realizadas por meio de roteiros que os pais/responsáveis tinham que buscar nas escolas. Dentro do modelo de aulas remotas essa se constituiu como a ferramenta mais precarizada. Organizar roteiros com exercícios foi a forma encontrada pela gestão educacional do município para garantir que os estudantes em maior situação de vulnerabilidade tivessem acesso a algum tipo de atividade escolar. Porém, estes estudantes não tem nenhum tipo de interação com os professores, não acessam nenhuma explicação visual e recebem somente o material impresso que deve ser respondido e entregue posteriormente na escola (e em alguns casos estes roteiros não são nem ao menos corrigidos ou lidos pela coordenação ou professores). Há um

⁵ Informações disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/quixada>

agravante ainda mais sério, uma quantidade expressiva desses alunos tende a corresponder exatamente aos que apresentam algum tipo de dificuldade de aprendizagem. Filho *et.al* (2020) ressalta ainda:

Além disso, ainda há a necessidade de adaptação ao ensino mediado por “telas”. Uma coisa é o ensino presencial com a interação direta com professores e colegas, outra coisa é permanecer diante da tela de um computador, ou celular por horas recebendo o “conhecimento” de forma fria e inerte, com pouca ou nenhuma interação ou debate. A experiência tem mostrado que em algumas situações os alunos entram nas salas virtuais, mas não reagem ao conteúdo apresentado, muitas vezes dividem a atenção com outros afazeres, já que estão em ambiente inapropriado ao aprendizado (FILHO, *et.al.*, 2020, p. 14).

A situação do sistema educacional imposta pela pandemia agravou as contradições que faziam parte da estrutura escolar. A precarização tecnológica das escolas, a desigualdade social a qual as crianças e jovens estão submetidos, o aprofundamento das diferenças entre a escola pública e privada, a disponibilidade de recursos pedagógicos e a formação insuficiente em relação às tecnologias educacionais para os professores já eram questões estruturais que faziam parte do cotidiano escolar.

Sabemos que estas complicações não tem soluções fáceis, visto que, como estamos mencionando, fazem parte de uma estrutura da própria sociedade. Porém, a naturalização e mediatização de metodologias como a entrega de roteiros como se fossem significativas no processo de aprendizagem camuflam um problema sério e mascaram uma preocupante defasagem no processo educacional de muitas crianças e adolescentes. Ressaltamos que os prejuízos na aprendizagem não atingem somente aos alunos que estão ‘incluídos’ por meio de roteiros, mas também os que acessam de forma precarizada as atividades online. Deveria ser preocupação fundamental dos gestores municipais formular um plano de

ação que tivesse um impacto efetivo na tratativa destas dificuldades, no intuito de amenizar os prejuízos. Filho *et.al* (2020) alerta:

[...] o ensino remoto se mostra ineficiente e inadequado para ser aplicado mesmo em tempos de pandemia. Está claro que adotar formas improvisadas de ensino que enaltecem as tecnologias e empobrecem a educação nem sempre é a solução mais acertada. Avalia-se que os prejuízos futuros para a educação provocada pela pandemia de coronavírus e somada aos do ER serão imensuráveis. Precisa-se assumir uma postura de defesa de manutenção da qualidade na educação, para que as conquistas conseguidas até agora, não se percam (FILHO, et.al., 2020, p.14).

Portanto, esta experiência que está acontecendo e que terá desdobramentos significativos na formação das crianças deve servir como parâmetro para a organização de estratégias que possam contribuir para a melhoria da qualidade educacional. Não se deve usar este período emergencial para defender que o ensino não presencial pode ser uma alternativa possível para crianças e adolescentes da rede pública, pois isso implicaria crescer ainda mais o alto índice de desigualdade educacional.

Ademais, as atividades remotas deixam lições que devem ser valorizadas, por exemplo, revela a importância de se incentivar a participação e autonomia dos estudantes em atividades fora da escola, a relação e parceria entre familiares e professores, o uso de metodologias que se valham das mídias sociais e das tecnologias na educação etc. Ainda, o desafio que deve ser encarado com seriedade e compromisso é a análise do contexto de cada sistema de ensino e o desenvolvimento de estratégias que possam integrar tais metodologias, que não devem ser usadas arbitrariamente, como se elas pudessem abranger a formação educacional das crianças e jovens da escola pública.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devemos iniciar estas considerações ressaltando que estamos vivenciando um período que evidencia as grandes fragilidades do sistema educacional público. Alguns problemas já faziam parte do cotidiano escolar, outros surgiram com as novas demandas. Mas todos eles têm origem na estrutura de desigualdade social que é a base do sistema vigente.

Os apontamentos que tecemos no decorrer deste trabalho têm como principal intuito gerar reflexões a cerca dos problemas do complexo educacional durante este período de Pandemia, a fim de questionarmos e combatermos estes discursos e posturas de naturalização de questões que poderiam ser resolvidas e combatidas. Não propomos e nem buscamos mostrar que este processo de superação das adversidades mencionadas possa ter soluções fáceis, mas ressaltamos que existem contradições no entorno dos sistemas de ensino que nos permitem articulações que possam contribuir com a melhora da qualidade educacional que é destinada as crianças e adolescentes da rede pública.

Comumente, os órgãos de gestão da educação recebem modelos prontos e aplicáveis, e não se dão ao trabalho de repensa-los, contextualiza-los, questioná-los e torna-los eficientes. Os desafios que se colocam não têm respostas prontas, e por isso devem ser maturados com diálogo que integre todos os envolvidos do processo de ensino e aprendizagem. Só seremos capazes de avançar no planejamento e de traçar estratégias que tenham resultados efetivos na qualidade educacional se identificarmos os principais problemas e atuarmos de maneira incisiva nos mesmos. Fora isso, como já foi dito em momentos anteriores desta discussão, teremos somente ‘fórmulas antigas usadas em novos problemas’, que replicarão resultados iguais coloridos com roupagens distintas.

Concluimos assim, que as escolas públicas que queremos para o futuro não expressam essa prática pedagógica que desumaniza e precariza os sujeitos envolvidos com a educação e o conhecimento. Que a maior crise sanitária da contemporaneidade que colocou em risco a própria humanidade com milhares de mortes e doentes, seja uma lição para a valorização da ciência e do processo formativo das crianças, reafirmando a importância do trabalho docente em prol de uma formação humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Coronavírus Brasil: Painel Coronavírus**. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acessado em 29 abril de 2021.

CÓRDOVA, Fernanda Peixoto; SILVEIRA, Denise Tolfo. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Enged; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Método de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

FILHO, Francisco Gonçalves de Sousa; CARMO, Maurilene do; RIBEIRO, Luís Távora Furtado. Pandemia de covid-19 e as atividades educativas emergenciais: a experiência do curso de pedagogia da faculdade de educação universidade federal do ceará. **REVISTA ELETRÔNICA ARMA DA CRÍTICA**, Fortaleza, V. 10, N. 14, p. 110-132, DEZEMBRO 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARX, K., & Engels, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza *et al.* **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MORENO, Ana Carolina; VALADARES, Marcelo. Desigualdade entre alunos ricos e pobres no Brasil está entre as maiores do mundo, diz estudo. **G1**, São Paulo, 19 fev. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/12/19/desigualdade-entre-alunos-ricos-e-pobres-no-brasil-esta-entre-as-maiores-do-mundo-diz-estudo.ghtml>. Acessado em 26 de abril de 2021.

PINTO, Diego Oliveira de. Pisa – Ranking de educação mundial: entenda os dados do Brasil. **Blog Lyceum**. São Paulo, 26 jul. 2019. Educação Básica. Disponível em: <https://blog.lyceum.com.br/ranking-de-educacao-mundial-posicao-do-brasil/>. Acessado em 29 de abril de 2021.

RAMAL, Andréa. A educação em tempos de pandemia: realidade e desafios. In: **Andréa Ramal**. São Paulo, 14 abr. 2020. Disponível em: <http://andreamamal.com.br/educacao-em-tempos-de-pandemia-realidade-e-desafios/>. Acesso em: 29 abr. 2021.

SANTOS, Escolástica; JIMENEZ, Susana Vasconcelos; GONÇALVES, Ruth Maria. A reprodução do Ser Social e a mediação da Educação. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 10, n. 1, p. 159-268, mai. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/18472/16034>. Acesso em: 3 mar. 2020.

SANTOS, Ana Leticia Lima; SALES, Fabrício de Oliveira; LIMA, Dávillo; RABELO, Josefa Jackline. Reflexões sobre as condições de trabalho vivenciadas pelos docentes no contexto da pandemia de covid-19. **REVISTA ELETRÔNICA ARMA DA CRÍTICA**, Fortaleza, V. 10, N. 14, p. 133-142, DEZEMBRO 2020.

Saviani, Denerval. (2020). *As implicações da pandemia para a educação, segundo Dermeval Saviani*. Recuperado de <https://vermelho.org.br/2020/07/30/as-implicacoes-da-pandemia-para-aeducacao-segundo-dermeval-saviani/>. Acesso em: 30 de Maio de 2021.

SILVA, Ellery Henrique da; SILVA NETO, Jerônimo Gregório da; SANTOS, Marilde Chaves dos. Pedagogia da pandemia: reflexões sobre a educação em tempos de isolamento social. **Revista Latino-americana de Estudos Científicos – RELAEC**, Vitória, v. 1, n. 4, jul./ago., 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/ipa/issue/view/1177>. Acessado em 26 de abril de 2021.

TOKARNIA, Mariana. Acesso à internet aumenta entre crianças e adolescentes. **Agência Brasil**. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-06/acesso-internet-aumenta-entre-criancas-e-adolescentes>. Acesso em: 15 de Junho de 2021.

TOKARNIA, Mariana. Brasil tem 4,8 milhões de crianças e adolescentes sem internet em casa. **Agência Brasil**. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-05/brasil-tem-48-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-sem-internet-em-casa>. Acesso em: 15 de Junho de 2021.

A COMUNICAÇÃO SINDICAL NA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS SARS – COV-2

Camila dos Santos Magalhães¹

RESUMO

A comunicação sindical na pandemia do novo Coronavírus Sars – CoV- 2, reflete sobre como a comunicação sindical, por meio do trabalho remoto, atuou no sentido de comunicar para a base de servidores públicos municipais de Quixadá, Ibareta, Banabuiú, Choró e Ibicuitinga, desde o início da referida pandemia em 2020. O trabalho sindical, mais precisamente a comunicação sindical, adaptou-se, e permanece em processo de readequação aos meios digitais para se manter em contato com a base sindical e também com os gestores municipais. Analisa também as provocações das agendas de lutas dos trabalhadores e trabalhadoras e a convergência delas com o debatesindical.

Palavras-chave: pandemia, comunicação, trabalho.

¹ Camila dos Santos Magalhães graduada em Letras Português pela Universidade Estadual do Ceará, agente administrativa da Prefeitura Municipal de Quixadá, secretária de comunicação no Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Quixadá, Ibareta, Banabuiú, Choró e Ibicuitinga – SINDSEP. E-mail: camillamaga28@gmail.com

INTRODUÇÃO

Desde março de 2020, quando a Organização Mundial da Saúde – OMS – declarou a pandemia do novo Coronavírus Sars – CoV- 2, algumas categorias de trabalhadores e trabalhadoras passaram a vivenciar a experiência de trazer o trabalho para casa, ou seja, transformamos nossos lares em ambientes de trabalho. E nesse bojo, precisamos falar sobre os reveses do famoso home-office: o tempo de descanso, o horário de almoço, os finais de semana, todos esses direitos assegurados aos trabalhadores e trabalhadoras ficaram comprometidos. O que antes delimitava os espaços de vida pessoal e trabalho, agora, com esse trabalho dentro de casa, se tornou tênue.

Precisamos entender também que devido à conectividade a qual estamos submetidos e submetidas, a Covid-19, e o consequente isolamento social, nos trouxe essa nova forma de vivenciar o trabalho, e fez com ele se tornasse também digital. Reuniões por aplicativos, quase todos os dias da semana, mensagens via WhatsApp o dia inteiro. O fato de estarmos em casa, mas à disposição do trabalho, nos tirou o horário comercial, quase não se fala mais sobre isso, para quem está em home-office. A força de trabalho que antes ia para casa todas as noites, parafraseando Graham e Amir Anwar (2020, p.69), no artigo Trabalho digital, agora essa força permanece em casa, quase sem essa possibilidade de poder desligar-se daquele local de trabalho.

De acordo com Graham e Amir:

Um trabalhador sempre desempenha trabalho no tempo e no local em que habita, mas de repente, seu trabalho também é feito simultaneamente em outro lugar. Isso significa que foi cortada uma ligação importante entre os trabalhadores e o objeto de seu trabalho. Se os

trabalhadores podem fazer um trabalho baseado em informação (information-based), que pode ser rapidamente transmitido ao redor do mundo, então esse trabalho pode, em teoria, ser feito de qualquer lugar e por qualquer pessoa que tenha acesso às máquinas e conectividade adequadas. (GRAHAM; AMIR ANWAR, 2020, p.69-70)

A ideia de tempo e lugar para trabalharmos, mudou, e estamos nos adaptando a esse novo formato, ou seja, estamos fomentando nosso contato com os trabalhadores e trabalhadoras de forma remota, e nesse artigo iremos refletir sobre a experiência de produzirmos nossa comunicação sindical durante essa pandemia, e como citam os autores a cima, através dessa conectividade, bem como do acesso a ela, nos é permitido elaborarmos programas semanais, publicações diárias, fazermos negociações trabalhistas, mantermos contato com a base de servidores e servidoras públicos municipais, por meio de publicações diárias, importante citar que neste trabalho iremos abordar a comunicação de um sindicato do ramo dos municipais.

Vivências e reflexões sobre a comunicação sindical em tempos de pandemia

A Secretaria de Comunicação do Sindicato dos Servidores Públicos Municipais de Quixadá, Ibareta, Banabuiú, Choró e Ibicuitinga – SINDSEP, gestão 2020-2024, vivencia esse segundo ano de pandemia da COVID-19 como um desafio. O vírus agravou situações de desigualdades que os trabalhadores e trabalhadoras como um todo já sentiam, e os/as municipais viram o aprofundamento da crise nos municípios.

A base ampliada do SINDSEP - por base ampliada compreende-se os quatro municípios que compõem esse sindicato - mudou de gestor/a em

duas prefeituras, a saber: Quixadá e Ibaretama; Banabuiú, Choró e Ibicuitinga, reconduziram os seus, respectivamente. Na mudança ou na recondução, a violação de direitos e as condutas antissindicais permanecem. Diante de tais práticas, a dinâmica de comunicação de uma entidade sindical se intensifica. A Campanha Salarial 2021, que tem como tema: “Levante e lute: vamos defender vidas, servidores e serviços públicos”, tem pontos que não foram debatidos do ano anterior, melhor dizendo, da campanha salarial do ano anterior, logo esses pontos se juntam ao do ano vigente, com isso as demandas dos/as servidores e servidoras só crescem.

Um cenário de crise sanitária, trabalhadores/as das mais diversas categorias sendo atingidos/as, a negação da doença, o desemprego em alta, a carestia, aumento da insegurança alimentar, pagamento do auxílio emergencial de forma sofrível, trabalhadores/as da Saúde adoecidos/as, classe trabalhadora exposta a mais esse risco, o de ser contaminado/a, o número de mortes só aumentando, nosso país já ultrapassou a triste marca de mais de 500.000 mil vidas perdidas, esse foi o Brasil de 2020, e que permanece em 2021. As entidades sindicais tiveram que transformar tudo isso em agenda de lutas, e nós embarcamos.

Categorias de trabalhadores/as que já tinha cargas excessivas de trabalho e remuneração defasada, com a pandemia, viram as jornadas de trabalho duplicarem. Como exemplo, temos a luta pela implantação do piso salarial e da jornada de 30 horas semanais de trabalho para os profissionais da enfermagem que abarca: auxiliares, técnicos/as de enfermagem, enfermeiros/as e parteiras.

A Lei Complementar nº 173, de 27 de maio de 2020, impediu, por exemplo, o reajuste do piso salarial do magistério, a luta dos professores/as passou a ser pela reposição da inflação de 4,52%.

Essas são demandas nacional e estadual, mas não esquecemos as municipais, que como já foi dito anteriormente, avolumam-se de um ano para outro, de uma gestão para outra: implantação de planos de cargos e carreiras para servidores/as da Saúde, Administração, Agentes Comunitários de Saúde e Agentes Comunitários de Endemias, Guarda Civil Municipal; seja para implantação ou descompressão, esse é um ponto de reivindicação que é comum aos cinco municípios da base do SINDSEP.

Ou seja, a comunicação sindical está nessa dinâmica intensa de fazer com que nossos servidores/as fiquem informados/as dos ataques que poderão sofrer, ou estão sofrendo, das retiradas de direitos, ao mesmo tempo que ainda estamos desmobilizados para voltarmos às ruas. O país ainda não tem um número considerado da população vacinada para que possamos nos sentirmos seguros/as para fazermos atos de rua, o que sempre fizemos tão bem.

Se as armas para lutar contra o governo, que recusou oferta de vacina, que negou a doença, ou melhor, a gravidade da doença, são as redes sociais, a comunicação visual, por meio de outdoors, faixas, e o rádio, então usaremos.

O contra-ataque da classe trabalhadora também precisa estar bem preparado para o combate, para especificarmos as ações de comunicação do SINDSEP, além do que já vinha sendo produzido, arrojamos a referida secretaria, considerando que estamos impossibilitados e impossibilitadas de irmos às ruas, logo massificamos as redes. A equipe de comunicação passou a contar com uma jornalista, a formação por meio de cursos para membras da comissão, e o programa de rádio se tornou mais dinâmico.

Os temas abordados nos nossos programas em 2020, mais precisamente, a partir de abril de 2020, bem como, até junho de 2021, foram

os seguintes: “SINDSEP contra o coronavírus”; “Organização dos trabalhadores e trabalhadoras em tempos de pandemia”; “Trabalho remoto: realidade para os professores e professoras de Quixadá e região”; “Vidas negras importam: caminhos de luta e resistência no serviço público municipal”; “Educação: desafios para o retorno às aulas presenciais”; “Os impactos do coronavírus nas políticas e para a classe trabalhadora”; “14 anos da Lei Maria da Penha e a luta contra a violência doméstica e familiar em tempos de pandemia”; “30 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente”; “Dia Nacional da Saúde e o legado do médico Oswaldo Cruz para a ciência”; “Como promover a saúde por meio de atividades corporais em tempos de pandemia: realidade ou utopia?”; “Dia Nacional do Idoso/idoso: dia para reforçar a importância de proteção a esse público”; “A importância do voto consciente nas eleições municipais de 2020”; “Dia Internacional da Não Violência Contra as Mulheres”; “Dia Internacional dos Direitos Humanos”; esses foram alguns programas de abril a dezembro de 2020.

Faremos aqui um adendo: a virada de 2020, para o ano vigente, foi marcada pela não sanção do Plano de Cargos, Carreiras e Remunerações pela gestão anterior do município de Quixadá, logo, a empreitada seguinte foi e é pela aprovação pela Câmara Municipal de Quixadá, e conseqüentemente, a sanção pelo atual gestor do município pelo PCCR, ou seja, de janeiro a junho de 2021, os servidores e servidoras públicos municipais de Quixadá, exceto os professores e professoras, continuam sem um PCCR.

Em janeiro de 2021, pautamos, dentre outros assuntos, a aprovação e sanção do referido plano, a luta pelo não parcelamento do salário dos servidores e servidoras da Secretaria de Educação e Secretaria de Saúde, do mês de dezembro de 2020, e a Campanha Salarial de 2021, que abarca

esses assuntos, e outros. Precisamos pontuar aqui que essa demanda foi específica do município de Quixadá, nos demais que compõem a base do SINDSEP as tratativas, pelo menos para o início do ano, foram menos tensas. No mês de fevereiro permanecemos com o tema do PCCR, tendo em vista que nesse mês a câmara municipal de Quixadá, votou pela não aprovação do plano, tivemos um programa com o tema: “Câmara de Quixadá realiza sessão frustrante e destrói o sonho de servidores e servidoras”. Nos meses de janeiro e março, entre um assunto e outro, o foco recaiu sobre a Campanha Salarial – 2021: “PEC 186”; “A situação dos negros e negras no Ceará”; “Lutemos pela democracia: ditadura não se celebra, ditadura nunca mais!”; “A conscientização do autismo na sociedade”; “Vida, pão, vacina e educação”; “Segurança e saúde do trabalhador e trabalhadora”; “Maio Solidário: em defesa da vida, do emprego e da democracia”; “Piso salarial e 30 horas para a enfermagem, já!”; “Por que não defendemos o retorno às aulas presenciais neste momento?”; “Vacina é um direito!”; “Eu venci! Homenagem aos servidores e servidoras aposentados e aposentadas”; “Balanço das ações sindicais do mês de junho: processo de vacinação dos profissionais da educação nos 5 municípios; avanços e/ou retrocessos na Campanha Salarial – 2021 e a luta contra reforma administrativa”.

O vírus também interferiu na produção desses programas semanais de rádio, ao passo que ficamos impossibilitadas de estar no espaço físico da rádio, por vezes, os programas foram gravados da casa da locutora do programa. As interações das e dos participantes passaram a ser via áudios de WhatsApp, as reuniões para definições das ações da semana via Google Meet.

Os assuntos listados acima, mostram a consonância das ações sindicais com a agenda de lutas da Central Única dos Trabalhadores –

CUT, Confederação dos Trabalhadores no Serviço Público Municipal – CONFETAM, e da Federação dos Trabalhadores no Serviço público Municipal do Estado do Ceará – FETAMCE, e conseqüentemente, dizem respeito diretamente à vida dos trabalhadores e trabalhadoras.

Remoto controle...

O Sindicato não nasceu de forma digital, nossas ações sempre se deram de forma presencial, mas tivemos que nos adaptar a esse meio devido à pandemia. Assim, plataformas como o Google Meet e Zoom se tornaram ferramentas de uso constante para estarmos em contato com diretores e diretoras, com a base de uma maneira geral, bem como com as gestões municipais.

Como esse trabalho visa refletir sobre a experiência do trabalho remoto, com foco na comunicação sindical durante a pandemia, faz-se necessário entendermos também como anda a vida das trabalhadoras e trabalhadores que estão à frente dessas ações, ou seja, como estão convivendo com esse trabalho digital intenso as trabalhadoras e o trabalhador que estão liberados para exercer mandato classista?

A situação, ou situações a que algumas categorias estão expostas são adoecedoras, mas o home-office também adocece. Fica aqui mais uma reflexão sobre o trabalho remoto ou remoto controle, para pensarmos sobre a vulnerabilidade física, mental e espiritual a que estamos submetidos/as, quer seja de forma presencial, quer seja de forma on-line.

Para pensarmos sobre nosso ativismo nesse período de pandemia, ou até mesmo no pós-pandemia, precisamos observar como já se comporta o ciberativismo em alguns países. O exemplo que trazemos aqui é o de Portugal, que se intensificou em 2011.

Seguindo o exemplo das formas transnacionais de democracia participativa e deliberativa, o ativismo de movimentos de protesto social contra a austeridade poderá ser igualmente designado de movimentos ciber, devido ao papel central conferido às tecnologias de informação e comunicação, por meio do uso da internet para a convocatória de manifestações, partilha de ideias e estratégias de luta nas redes sociais, sobretudo na sua organização no terreno. (ROQUE, 2020, p.434.)

Àquela maneira como sempre foram feitas as mobilizações mudou, o sindicalismo como um todo também sofrerá essas mudanças, em outras palavras, a estrutura dos sindicatos como temos hoje, também mudará.

Ao passo que estamos à frente da entidade sindical, somos também sindicalizados/as, parece redundante, mas isso nos faz refletirmos sobre o fato dos anseios se convergirem. Aquele/a que é filiado/a deseja uma entidade que o represente, que seja ativa, e que trate as demandas das categorias nas suas especificidades. Se isso já era forte antes da pandemia, hoje, está mais urgente, dados os ataques e negações a que os governos nos impõem. Principalmente se consideramos que nossos filiados/as estão conectados/as à internet, se enquanto entidade representativa da classe trabalhadora nos opusermos aos nossos pares, também seremos expostos/as. A nossa responsabilidade só aumenta. Ou seja, ações que antes só aconteciam de forma presencial e coletiva, hoje, são virtuais e não perderam o caráter de coletivas. Como tudo que fazemos necessita de avaliação, é preciso que já comecemos de agora a pensar sobre essa contribuição para novas formas de organização sindical, a partir dessas vivências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia do novo coronavírus nos impeliu à uma nova rotina de vida, e conseqüentemente, de trabalho. Isolamento social e trabalho remoto passaram a compor nosso léxico, assim como as plataformas digitais: para trabalhar, telas, para estudar, telas, para nos divertirmos, telas. E, claro, não poderia ser diferente para a entidade sindical SINDSEP, assim como somos uma organização para trabalhadores e trabalhadoras, também somos de trabalhadores e trabalhadoras, além de fazermos as lutas que são de praxe, tivemos que nos adaptar a esse novo modelo de fazer sindicalismo, de forma atuante, digital, sem deixar de ser coletivo.

As questões suscitadas neste trabalho são para pensarmos desde já como estão nossos trabalhadores e trabalhadoras, como a pandemia afetou nossa maneira de trabalhar, de nos relacionarmos uns com os/as outros/outras, como mobilizaremos nossas lutas, como ficarão nossas entidades sindicais daqui para frente? Essas perguntas são importantes para pensarmos como lidaremos, enquanto sindicato, com essa maneira de trabalho digital que a pandemia nos trouxe.

REFERÊNCIAS

AMIR, Mohammad Anwar.; GRAHAM, Mark. Trabalho digital. In: ANTUNES, Ricardo. (Org.) **Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0**. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2020. Cap. 3, p. 69 – 84.

CONFETAM. **Campanha Salarial 2021**. Ceará, 2021. Disponível em: <http://confetam.com.br/acao/campanha-salarial-2021-8db6/>. Acesso em: 29 maio 2021.

FACEBOOK. **Sindsep de Quixadá**. Ceará, 2021. Disponível em: https://www.facebook.com/sindsep.dequixada.56/photos_by. Acesso em: 29 maio 2021.

ROQUE, Isabel. Ciberativismo e sindicalismo em call-centers portuguesas. In: ANTUNES, Ricardo. (Org.) **Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0**. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2020. Cap. 19, p. 420 – 441.

DIÁRIO A BORDO DAS ACS'S EM QUIXADÁ: PRÁTICAS DE CUIDADOS NA PANDEMIA DA COVID 19

M.N.F.S¹

Resumo: A Covid-19 é uma pandemia, uma nova infecção com manifestações clínicas graves, incluindo morte, e atingiu países de todos os continentes. Embora o curso final e o impacto do Covid-19 sejam incertos, não é apenas possível, mas provável que a doença produza sequelas graves nas pessoas que a tiveram, o suficiente para sobrecarregar a infraestrutura de saúde. A atenção primária inclui o acolhimento, a garantia da acessibilidade e a utilização dos serviços de saúde para cada necessidade adicional ou novo problema de saúde, considerando aspectos geográficos, organizacionais, socioculturais e econômicos. Esse vínculo proporciona a continuidade do cuidado e a longitudinalidade do cuidado, independentemente de problemas específicos de saúde ou tipo de problema. Portanto, esse vínculo constrói caminhos para uma abordagem integrada do indivíduo e da família, inclusive articulando os serviços de saúde com ações de informação e assistência para atender de forma integral às suas necessidades de saúde por meio de diferentes pontos da rede de saúde como as ACS's. A metodologia do estudo foi a bibliográfica por meio da coleta de informações em artigos, além de coleta de informações por meio Reuniões online, rodas de conversa entre as Agente Comunitárias de Saúde - ACS da Equipe de Saúde da Família – ESF Centro I de Quixadá.

Palavras-chaves: Cuidados. Covid-19. Quixadá.

¹ Mara Natalia Fernandes Silva – Especialista em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido pela FIOCRUZ/CE e Graduada em História pela FECLESC/UECE. E-mail: maranatalia82@yahoo.com.br

² FUNDAÇÃO DEMÓCRITO ROCHA, 2014

INTRODUÇÃO

Quixadá distante a cento e setenta quilômetros da capital cearense, tem uma população de 80.604 habitantes, sendo 57.485 moradores urbanos e 23.119 rurais (IBGE, 2010). A terra dos monólitos, conhecida por suas formações rochosas é referência na região do sertão central nos aspectos econômicos, educacionais e saúde.

Na década de 1990 Quixadá é destaque no cenário nacional com a implantação do Programa Saúde da Família (PSF). A experiência descentralizada dos serviços de saúde na atenção básica é referência para o Ministério de Saúde e é implantado nos demais entes federativos do Brasil²

Na época, foram criadas várias áreas descentralizadas de saúde que atuavam na sede e na zona rural do município. De acordo com a moradora da comunidade, através de diálogos informais “por volta do início dos anos 2000 a área descentralizada do centro é subdividida e passar atuar com duas equipes saúde da família”. Atualmente a equipe saúde da família Centro I é composta por: 1 médica, 1 enfermeira, 1 cirurgiã dentista, 1 técnica de saúde bucal, 1 atendente e 12 agentes comunitários de saúde e duas micro áreas descobertas.

REFERENCIAL TEÓRICO

O vírus **SERERE RESPIRATORY SYNDROME CORONAVIRUS** (SARS-COV-2) teve seu primeiro caso relatado na cidade de Wuhan, na China, em dezembro de 2019. Se espalhando por diversos países, incluindo o Brasil no início de 2020. Sabendo que o vírus é transmitido por via respiratória, cuja contaminação é por meio de secreções de um paciente contaminado. Seus principais sintomas em casos leves são como uma síndrome gripal (**SG**), geralmente tosse, febre, dor de garganta, cefaleia etc. Já em seus casos mais graves estão relacionadas também como a dispneia,

hipoxemia, taquipneia e hipotensão.³ O vírus se tornou o pior vilão do planeta em relação a espécie humana, assim, causando a pandemia global, se espalhando em cada continente, hoje em dia são mais de 2 milhões de casos confirmados espalhados pelo mundo, e os números não reduzem só continuam a crescer a cada dia que passa, fazendo assim com que a população fique mais preocupada e com medo.⁴

Existe consenso de que a riqueza de um indivíduo não deve determinar quem vive ou morre. Embora o tratamento médico fora de contextos de pandemia seja muitas vezes restrito àqueles que não podem pagar, nenhuma proposta endossa a capacidade de alocação a pagar em uma pandemia. Nenhum valor único é suficiente sozinho para determinar quais pacientes devem receber recursos escassos. Portanto, a alocação justa requer uma estrutura ética de vários valores que pode ser adaptada, dependendo do recurso e do contexto em questão.⁵

Devido a este vírus estamos enfrentando uma pandemia que já dura mais de um ano. Com isso vieram muitas preocupações, medos, inseguranças, tanto por parte da população por não saber ao certo do que se tratava este vírus como também na área da saúde, onde para os profissionais de saúde seria uma “novidade” por ser um vírus que se espalha de forma muito rápida, como também pela forma grave que ele causa, trazendo muitas mortes. Assim como toda a população tem medo e sofre por viver de forma mais “restrita”,

³ PLANO ESTADUAL DE CONTINGÊNCIA PARA O ENFRENTAMENTO DA DOENÇA PELO CORONAVÍRUS (**Covid-19**), **atual**. 14 [recurso eletrônico] / Luciana Vieira – Goiânia, 2020. Disponível em: “https://www.saude.go.gov.br/files/banner_coronavirus/plano_enfrentamento/PLANO_GOIAS_COVID19.pdf” Acesso em: 10 de abril de 2021.

⁴ BRASIL. **Ministério da Saúde Plano de Contingência Nacional para infecção humana pelo novo Coronavírus COVID-19**. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/?lang=pt&q=au:%22Brasil.%20Minist%C3%A9rio%20da%20Sa%C3%BAdade%22> Saúde. Brasília; Brasil. Ministério da Saúde; 2020. *Biblioteca responsável*: BR1.1 Acesso em: 10 de abril de 2021.

a área da saúde é a que mais vê e presencia mais de perto a dura e difícil realidade. Muitos profissionais estão hoje trabalhando com medo da doença e por levar também a doença a seus entes queridos. Pode se dizer que eles estão esgotados e no limite, pois a demanda de pacientes é muito grande fora o que eles enfrentam por falta de leitos de UTI em algumas unidades de saúde.

A COVID-19 afeta diferentes pessoas de diferentes maneiras. A maioria das pessoas infectadas apresentará sintomas leves a moderados da doença e não precisarão ser hospitalizadas, diminuindo a superlotação.

Ministério da Saúde atualizou, em (16/4), o Boletim Epidemiológico sobre a Covid-19. O Brasil fechou a última semana (SE 14) com um aumento de 6% no número de casos registrados da doença. Entre os dias 4 e 10 de abril de 2021, o país registrou 491.409 casos – 28.174 a mais do que os registrados na semana epidemiológica 13 (463.235 casos).⁶ Até 1º de abril de 2020, no Brasil, existiam 2,80 leitos de UTI de internação específica da COVID-19 para cada 10 mil habitantes, razão maior que a observada em países como Reino Unido, Itália e França. No entanto, grande parte desses leitos estão concentrados na região Sudeste do país. A oferta de leitos de UTI na região Nordeste (1,04/10 mil hab.) encontrava-se abaixo do nível nacional, havendo a necessidade de ampliação do número de leitos. É patente a preocupação quanto à disponibilidade de leitos de UTI e ventiladores mecânicos necessários para os casos graves hospitalizados em decorrência da infecção pelo novo coronavírus, bem como em relação

⁵ PLANO ESTADUAL DE CONTINGÊNCIA PARA O ENFRENTAMENTO DA DOENÇA PELO CORONAVÍRUS (**Covid-19**), atual. 14 [recurso eletrônico] / Luciana Vieira – Goiânia, 2020. Disponível em: “https://www.saude.go.gov.br/files/banner_coronavirus/plano_enfrentamento/PLANO_GOIAS_COVID19.pdf” Acesso em: 10 de abril de 2021.

⁶ MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). **Doença pelo coronavírus 2019**. Bol Epidemiol [Internet]. 2020 abr [citado 2020 abr 10];8: 1-41. Disponível em: “<https://www.saude.gov.br/images/pdf/2020/Abril/09/be-covid-08-final.pdf>” Acesso em: 10 de abril de 2021

à disponibilidade de testes diagnósticos específicos, para a detecção precoce do vírus e a prevenção da transmissão subsequente.⁷ A demanda por serviços médicos avançados pode se aplicar a 20% do total infectado. Dos pacientes infectados pelo COVID-19, cerca de 15% têm doenças graves e 5% apresentam quadro crítico, necessitando de hospitalização em unidades de terapia intensiva. No Brasil, o número mínimo de leitos de UTI para ser considerado adequado é de 10 leitos a cada 100 mil habitantes⁸.

Ademais, cirurgias eletivas foram canceladas, os procedimentos semieletivos adiados e salas de operações transformadas em UTIs improvisadas. Com todos os leitos ocupados, pacientes foram acomodados em corredores e áreas administrativas. No Brasil, ainda há outro problema a enfrentar, o mapeamento da situação de infraestrutura em saúde no Brasil evidencia enorme heterogeneidade regional e escassez de recursos na maioria das regiões do país.⁹

No país, têm-se 15,6 leitos de UTI por 100 mil habitantes, sendo a média no SUS de 7,1. Em 72% das regiões de saúde, o número de leitos de UTI pelo SUS é inferior ao considerado adequado em um ano típico, isso corresponde a 56% da população brasileira total e 61% da população sem cobertura de planos privados de saúde. Um padrão similar é observado com relação a ventiladores e respiradores. Das 316 regiões de saúde com

⁷ GOYA, Neusa. **O SUS no Ceará**. Fascículo 4 do curso: Promoção da Equidade no SUS. Fundação Demócrito Rocha/Universidade Aberta do Nordeste. ISBN 978-85-7529-613-4 págs.:74 – 95, 2014.

⁸ MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). **Doença pelo coronavírus 2019**. Bol Epidemiol [Internet]. 2020 abr [citado 2020 abr 10];8:1-41. Disponível em: "<https://www.saude.gov.br/images/pdf/2020/Abril/09/be-covid-08-final.pdf>" Acesso em: 10 de abril de 2021.

⁹ BRASIL. **Ministério da Saúde Plano de Contingência Nacional para infecção humana pelo novoCoronavírus COVID-19**. Disponível em: "<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/?lang=pt&q=au:%22Brasil.%20Minist%C3%A9rio%20da%20Sa%C3%B Ade%22>" Saúde. Brasília; Brasil. Ministério da Saúde; 2020. *Biblioteca responsável*: BR1.1 Acesso em: 10de abril de 2021.

número de leitos de UTI pelo SUS abaixo do mínimo, 142 regiões não possuem leito algum, e se concentram no Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Esses números contrastam com o padrão nas demais áreas do país.

A questão é, como conduzir de forma ética e consistente, em vez de basear as decisões nas abordagens de instituições individuais ou na intuição de um médico. As recomendações segundo valores éticos para alocar recursos médicos na pandemia incluem maximizar benefícios, com base na administração responsável dos recursos. A prioridade, em casos de recursos limitados, deve ter como objetivo salvar o maior número de vidas e com o máximo de melhorias na duração da vida dos indivíduos pós-tratamento.¹⁰

Narrar os fatos sempre foi preocupação da sociedade ocidental, teve origens com os gregos na antiguidade. Estavam interessados em “registrar os fatos do presente para não caírem no esquecimento. Não estavam preocupados com passado e nem o futuro, este último é inexistente e o primeiro é distante”¹¹

Nesta perspectiva utilizou-se a construção de narrativas para revelar o trabalho, as angústias das ACS, durante a pandemia, primeiramente, com o intuito de não ficar nos porões da memória das profissionais, talvez

¹⁰ OLIVEIRA JÚNIOR, João Geraldo de. **Agentes comunitários de saúde: fatores restritivos e facilitadores do seu trabalho na Estratégia de Saúde da Família**. Dissertação (Mestrado) Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2012.

¹¹ FERREIRA, Marieta de Moraes. **História do tempo presente: desafios**. In: Revista Toppi. Dezembro de 2002, p. 32. FERREIRA, Marieta de Moraes. **História do tempo presente: desafios**. In: Revista Toppi. Dezembro de 2002, p. 92.

¹² PLANO ESTADUAL DE CONTINGÊNCIA PARA O ENFRENTAMENTO DA DOENÇA PELO CORONAVÍRUS (**Covid-19**), **atual**. 14 [recurso eletrônico] / Luciana Vieira – Goiânia, 2020. Disponível em: https://www.saude.go.gov.br/files/banner_coronavirus/plano_enfrentamento/PLANO_GOIAS_COVID19.pdf Acesso em: 10 de abril de 2021.

¹³ OLIVEIRA JÚNIOR, João Geraldo de. **Agentes comunitários de saúde: fatores restritivos e facilitadores do seu trabalho na Estratégia de Saúde da Família**. Dissertação (Mestrado) Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2012, p.27.

tenha lembrança, mas, em virtude do mal de Alzheimer não sabe se foi realidade ou imaginação.

Em relação às políticas econômicas adotadas, o SUS (Sistema Único de Saúde) sustenta um projeto contra hegemônico, destacando sua fragilidade do status da saúde como prioridade política para os Governos.¹²

A constante inquietação vivida pelo SUS, entre a tendência estatizante, pautada no desafio da conquista da saúde como direito universal, em consequências da ampliação de estruturas públicas para o cuidado e a atenção a saúde. No outro lado a tendência orientada pela lógica do mercado, em que sobressai a redução da intervenção pública na prestação e na oferta destes serviços.¹³

METODOLOGIA

Fazendo a práxis da teoria com o cotidiano através das leituras das obras citadas e material de trabalho como cadastros, o diálogo com as famílias e indivíduos, relatórios fornecidos a Secretaria de Saúde, como o levantamento de idosos para serem vacinados contra coronavírus, influenza. Esse material faz parte do nosso acervo pessoal, já que ficamos uma cópia para ficar conosco, caso venha ser perdido. Reuniões online, rodas de conversa entre as Agentes Comunitárias de Saúde - ACS da Estratégia Saúde da Família - ESF Centro I.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A visita domiciliar é atividade mais importante do trabalho do Agente Comunitário de Saúde - ACS. Nessa residência vive pessoas com seus códigos de sobrevivência, crenças, cultura e sua história. Através do

cadastro, identificamos as pessoas com hipertensão, diabete, cardiopatas, transplantados, hanseníases, tuberculose, gestantes, crianças. Com a pandemia as visitas domiciliares passaram por modificações tanto para “resguardar” as famílias como as profissionais. Seguindo as recomendações da secretaria de saúde do município de não adentrar nas residências, principalmente em lares que existiam pessoas idosas ou casas com pessoas que apresentem comodidades, em virtude de serem mais suscetíveis ao vírus.

No princípio as visitas consentiam orientar sobre as medidas sanitárias como: o uso de máscara, álcool gel, evitar aglomerações. O dialogo era com um membro da família e este multiplicava as informações aos seus lares. Já as crianças menores de 2 anos que são acompanhadas pela equipe Estratégia Saúde da Família – ESF da criança, as consultas de puericultura com enfermeira ou médica foram suspensas, assim como a pesagem das crianças feitas pela Agente Comunitária de Saúde - ACS. Fazíamos a visita para acompanhar crianças menores de dois anos, gestantes e os casos de vulnerabilidade social.

A prefeitura distribui máscaras para a população, especialmente para idosos, diabéticos, obesos, hipertensos e etc. a oferta era feita em bancos, casa lotéricas e nos territórios os ACS ficaram "carregados" dessa função. Já as máscaras que faz parte dos equipamentos de proteção individual – EPIS disponíveis aos profissionais, as ACS's recebem semanalmente 10 máscaras. E raríssimas vezes recebemos o álcool gel.

Anualmente a vacina da Influenza dos idosos acamados e domiciliados eram realizadas pela técnica de enfermagem, enfermeira e vacinadora. Primeiramente foi feito o levantamento dos domiciliados e acamados para serem vacinados e depois um cronograma dividindo em duas macros áreas da Estratégia Saúde da Família - ESF Centro I, seguindo o critério das microáreas de atuação das ACS serem próximas, divisão foi

feita em duas partes.

Nesse dia vacinadora, enfermeira, técnica de enfermagem e as ACS que também são técnicas de enfermagem, iam para os territórios e cada uma dessas profissionais era destinada para uma microárea com o objetivo de realizar a vacina nas pessoas domiciliadas e acamados do território. Já as áreas sem cobertura de Agentes Comunitários de Saúde – ACS, as famílias que tinham pacientes acamados ou domiciliados procuravam a Unidade Básica de Saúde - UBS do Centro, a enfermeira anotava e ligava depois agendando a vacina.

Uma das atribuições do Agente Comunitário de Saúde é contribuir com a promoção da saúde no território, porém no ápice da pandemia entre os meses de abril e maio de 2020 no município, o acompanhamento das famílias passou a serem feitas por meios tecnológicos, o ACS poderia estar contribuindo com a saúde da família, como, também para o adoecimento das pessoas, transmitindo o vírus.

Antecedendo a determinação do gestor municipal de saúde de que as visitas aos domicílios fossem realizadas seguindo os princípios do Sistema Único de Saúde - SUS como da equidade, visitar aqueles usuários tinham várias comorbidades, ou em estado avançado de doenças imunossupressoras, cânceres, buscas dos beneficiários do Bolsa-Família, muitas pessoas já se recusaram a nossa visita, preferindo não serem acompanhadas.

Uma das ferramentas já utilizadas pela categoria, antes da pandemia com objetivo de melhor desenvolver nosso trabalho, foi o uso do celular. A população dos nossos territórios pedia o número de telefone das profissionais (ACS), além de serem visitadas mensalmente, qualquer dúvida ou informação que desejavam saberem, enviavam mensagens ou ligavam para terem suas necessidades suprimidas. Já as profissionais utilizavam essa ferramenta para se comunicarem com os demais profissionais da ESF,

agendar consultas dos usuários com a médica ou enfermeira, fazer ligações para outros órgãos de serviço de saúde do interesse do usuário.

Com a pandemia somente intensificou o uso do celular, como forma de dar assistência as famílias. As visitas aos domicílios eram realizadas em caso de vulnerabilidades como, por exemplo: idosos, gestantes, deficientes, doentes mentais e etc. E também às pessoas que moravam sozinhas e outras pessoas não disponha ou não sabiam usar as tecnologias contemporâneas.

Segundo a Organização Mundial de Saúde - OMS, o conceito de saúde vai além da dor, consiste no bem estar biopsicossocial, muitas pessoas com medo de serem contaminadas pelo vírus, adoeceram mentalmente, entre as quais: depressão, pânico, ansiedade, já outras pessoas que eram diagnósticas com essas doenças, os sintomas foram intensificados.

Já os ACS que eram mais suscetíveis ao vírus devido serem diabéticas, cardiopatas e terem outras comorbidades tentaram realizar atividades em "home office", mas, nem sempre foi possível, inclusive a maioria foram acometidos pelo vírus e pela doença. algumas se recuperam, ficando em casa com o uso dos medicamentos e isoladas, porém outras foram acometidas de forma mais grave da doença, precisando ser internada e o usode oxigênio.

Com necessidade de realizamos o cadastro das famílias, cada profissional recebeu um smatpfone da administração pública municipal. Por um lado, facilitou o trabalho, os cadastros são realizados online (ou digital), as visitas e os motivos eram registados simultaneamente ao trabalho, além disso diminui o peso e quantidade de papeis, como folhas de: cadastros, fichas de gestantes, de hipertensos, diabéticos, tuberculosos, notificações de óbitos, declarações de nascidos vivos. Temos as informações necessáriasdos usuários em qualquer momento e lugar.

Por outro lado, tivemos nossas vidas particulares invadidas, pois, o profissional se mistura com o pessoal. Com o celular profissional não tinha nem dia e nem momento para os usuários ligarem, passarem mensagens, muitas vezes somente para desabafarem seus medos, e nesses momentos exercemos funções de psicólogos, sacerdotes.

Esclarecemos não temos essa intenção, mas, é porque a ocasião exige, mesmo sendo leiga nessas profissões, os usuários desejam que escutamos e apesar de não termos competência para isso, só em sentir acolhidos e orientar os possíveis soluções, são perceptíveis mudança no tom de voz. Poderíamos estarmos ausentes fisicamente dos territórios, mas, com o celular estávamos sempre presentes.

A esperança se renova, com alguns países vacinando sua população, em nosso país aguardamos as primeiras doses para o início do ano vigente. Enquanto isso cada um deveria serem sujeitos protagonistas do processo doença-saúde, o biológico interfere, mas, o social e o cultural são determinantes nesse processo doença-saúde-curar. Deveríamos evitamos aglomerações, mas com as festas de fim de ano, o que testemunhamos foram aglomerações de pessoas nas praias, viagens, confraternizações familiares.

Pouco tempo depois as pessoas começaram a procurar os serviços de saúde com sintomas da covid19. E o vírus mais resistente, milhares de pessoas morreram diariamente em todo o país. o desespero, angústia, o pânico, passou a fazer parte da nossa realidade novamente.

Segunda onda da pandemia de covid19 - 2021

Foram criadas muitas as expectativas sobre a vacinação tanto pela as autoridades públicas como pela mídia e rede sociais. As primeiras doses de vacinas chegaram no estado para imunizar os profissionais da saúde,

indígenas e os idosos que vivem em abrigos/instituições, foi da CoronaVac. A população de esperançosa sentiu frustrada, em virtude de as primeiras remessas de vacinas ao Ceará serem consideradas poucas, quando todos desejavam serem vacinados imediatamente. Os profissionais da saúde foram priorizados primeiramente os que prestavam serviços nas UPAS e instituições hospitalares. Desde quando começou a imunização da população contra o coronavírus até o momento atual, muitas foram mudanças na estratégia de vacinação da população gerando um desgaste físico e emocional gigantesco da categoria. As informações eram escassas e o que hoje se adotava como estratégia, amanhã já eram outras ações de imunização. Então estávamos sempre refazendo o trabalho, de mobilização e desarticulação para campanha de vacinação contra o coronavírus.

Nesse momento muitas vezes infringindo o artigo 331 do Decreto-Lei nº. 2840, as profissionais foram desacatadas verbalmente pelos usuários. A campanha no princípio era vacinar todos os idosos com idade igual ou superior a 75 anos. Então cada ACS acompanhava a equipe volante da secretaria de saúde, vacinando todos os idosos daquele território.

E assim foi iniciada a campanha de vacinação no município e nesta perceptiva, alguns territórios da ESF centro I seguiu vacinando nessa expectativa. Seguindo o calendário vacinal estadual, o município teve que se adequar à nova realidade, que era vacinar por faixa etária em ordem decrescente. Então as demais microáreas da ESF centro I seguiu essa nova lógica.

A ruptura ter ocorrido no meio a campanha de vacinação da ESF centro I, ou seja, uma parte da equipe seguiu o paradigma anterior, com as modificações na estratégia de vacinação, as demais microáreas adotaram a nova estratégia em vigência, gerando revolta por partes dos populares.

Um desafio para os agentes de saúde é ter controle dos usuários que foram vacinados com a vacina da CoronaVac e os cidadãos imunizados

com a vacina da AstraZeneca, pois, como são de laboratórios diferentes, o intervalo de cada vacina é variado. Enquanto a CoronaVac a partir do decimo quinto dia já pode ser vacinado com a segunda dose, a AstraZeneca o intervalo é no mínimo de oitenta dias.



Figura 1- Casas amplas com murosFonte: Acervo pessoal.

Mesmo com o cartão de vacina e as anotações da vacina que foi aplicada e a data, habitualmente os usuários tinham dúvidas sobre vacina que foi vacinado e período para a segunda dose, passando a fazer parte do nosso cotidiano, esclarecimentos sobre os fatos comentados anteriormente. Assim como angústia e ansiedade daqueles que ainda não estavam no tempo de ser vacinados, por que não estavam nas faixas etárias preconizados pelo Plano Nacional de Imunização – PNI.

A parte biológica da doença (coronavírus) a medicina cuida, já as mazelas sociais da pandemia, como geralmente ocorre na comunidade, faz parte do seu cotidiano. Para a classe abastada financeiramente com suas casas de veraneio, sítios, mansões (figura 1) e o conforto que o capitalismo pode propiciar, a pandemia, o isolamento social rígido significa e é considerado por esses um tédio.

Já para as pessoas que vivem miseravelmente (figura 2), que sofrem de violência física, psíquica e sexual, residem em moradias simples, com vãos pequenos e as vezes habitam neste lar em média de 5 a 8 pessoas, cumprir as medidas sanitárias recomendáveis pelos os especialistas é quase impossível, assim como isolar uma pessoa infectada

com vírus nessas condições de moradia e em alguns territórios é inexistente o saneamento básico.



Figura 2- Moradias simples.
Fonte: acervo pessoal

Um dos pilares da atenção básica a saúde, em que se enquadra a Estratégia Saúde da Família - ESF é a formação dos vínculos da comunidade com os profissionais e o fortalecimento desses vínculos, gerando um processo de interação entre ambas as partes, refletindo no processo saúde-doença dos indivíduos e da coletividade.

Apesar dos avanços, algumas barreiras persistem, afetando o pleno acesso dos idosos aos cuidados de saúde, limitando a qualidade da atenção, da proteção e da promoção à saúde dessa população. O cuidado aos usuários com doenças crônicas deve acontecer de modo integral, o que só é possível se articulado em rede. A desarticulação das redes intra e intersetoriais, apontada como uma fragilidade nesse estudo, mostra-se um desafio a ser superado. Dificuldade de acesso, limitações da atuação da equipe pela falta de recursos humanos e materiais e as dificuldades das equipes da ESF no lidar com as especificidades das dinâmicas familiares comprometem a resolutividade da assistência.¹⁴

Neste ano em virtude das eleições municipais do ano anterior, com um novo gestor, parte dos profissionais da ESF Centro 1, foram demitidos ou transferidos. Havendo uma ruptura de vínculos profissionais e também

afetivos. A médica teve uma habilidade excepcional nesse momento de transformações em que a equipe estava passando, quando ainda tudo muito confuso, a médica nos norteava. Além de fazer o elo entre as ACS's e os novos profissionais da equipe.

Além de desempenhar nossas funções habituais, que são: informar, orientar, encaminhar e acompanhar indivíduos e famílias, fomos imbuídos de monitorar as pessoas com covid19 e não tivemos nenhum treinamento para desempenhar mais essa função. Antes as pessoas com covid19 eram monitoradas por equipes exclusiva da secretaria de saúde. Os casos confirmados ficavam em quarentena, eram visitados por enfermeiras e tinham consultas via online com o médico.

Algumas Agentes Comunitárias de Saúde – ACS por vontade própria procuraram se instrumentalizar, fazendo cursos online sobre a pandemia do covid19. A formação dos ACS's devem ser continua e permanente, pois, a cada dia surgem novas demandas, porque a forma de adormecimento das pessoas mudou. Nos primórdios da profissão, o foco era materno infantil, na contemporaneidade são as doenças crônicas e agora a covid19. “*A eminência da escolaridade dos ACS é relevante para dar conta desse novo papel, bem mais complexo e vasto*”.¹⁵

Inclusive terminamos o curso técnico em ACS pela de Saúde Pública - ESP do Ceará no período da pandemia, contudo já estávamos na fase de finalização. A formação deve ser continua e permanente e não em formações pontuais, para o aprimoramento do trabalho da categoria e respetivamente o fortalecimento da SUS.

¹⁴ GARRAFA, Volnei; OSELKA, Gabriel; DINIZ, Debora. Saúde pública, bioética e equidade. **Revista Bioética**, v. 5, n. 1, 2009, p.11.

¹⁵ BRANCO, Aline; Milanese, Rafaela; SAKAMOTO, Victoria Tiyoko Moraes; ARAUJO, Barbara Rodrigues; CANEGNATO, Rita Catalina Aquino; **Serviço de emergência hospitalar: fluxos de atendimento a pacientes suspeitos ou confirmados para COVID-19**, *Enferm. Foco* 2020; 11 (1) Especial: 199-204, ago. 2020.

Assim como os usuários sofrem pela perda de emprego, o receio de adoeceram ou transmitir o vírus para os familiares, nós profissionais da saúde, também somos seres humanos e essas angústias, pavores “eram e são nossos companheiros”. Como estamos na linha de frente estamos mais a mercê dos vírus, mesmo estando vacinados, os nossos entes queridos com quem convivemos muitos não foram vacinados. E sentimos medos de serem contaminadas através de nós, a hora de voltamos para casa, era tenso.

Outra dificuldade enfrentada por nós, é em relação às finanças da família, já que o nosso salário do ACS's passou a ser a única renda per capita do lar. Os nossos familiares não se enquadra no perfil para receberem o auxílio do governo por ter salário do profissional, com isso, passamos por dificuldades financeiras, pois, a renda familiar diminuía e os gastos aumentavam com alimentação, remédios, energia, água.

É evidente que a pandemia do COVID-19 exigiu a reestruturação dos sistemas de saúde e a reorganização do processo de trabalho e dos fluxos assistenciais. Porém, essa reorganização da Atenção Primária a Saúde - APS não pode significar a descontinuidade de outros cuidados prevalentes no território, principalmente em cenários de fragilidade e vulnerabilidades tão distintas presentes na sociedade brasileira, expressando-se na heterogeneidade da situação epidemiológica da população nos diferentes territórios.

Espera-se que a experiência decorrente do enfrentamento desse evento crítico - ainda em progressão catastrófica - possa estimular o reconhecimento e a mobilização da sociedade em defesa do Sistema Único de Saúde - SUS para sua promoção, fortalecimento. Principalmente na Atenção Primária a Saúde - APS, em situações como esta pandemia, os fluxos de trabalho e cuidado das equipes podem ser reajustados rapidamente sem comprometer as ações já desenvolvidas para intervir nos

determinantes do processo saúde-doença e também nos riscos enfrentados pelas famílias cadastradas e indivíduos.

Considerando os aspectos mencionados acima, algumas recomendações direcionadas ao processo de reorganização do trabalho do ACS nas emergências de saúde, apresentamos algumas a seguir. Eles se baseiam na experiência de luta contra o COVID- 19:

Desenvolvimento de uma perspectiva de educação em saúde que não atribua aos indivíduos e famílias a “culpa” pela exposição aos riscos de adoecimento e morte, e que não seja meramente prescritiva de mudanças de hábitos e atitudes, mas reconheça o papel desempenhado na determinação do processo saúde-doença pelas condições de moradia, trabalho e lazer;

Desenvolvimento e construção de estratégias de comunicação culturalmente acessíveis por meio de diretrizes acessíveis a toda a população, com capacitação e supervisão contínua dos ACS para qualificá-los no uso dessas novas estratégias de comunicação e educação em saúde.

Garantia de equipamentos de proteção individual e demais condições de trabalho, remuneração digna e oferta de apoio psicológico aos ACS e seus familiares.

Essas recomendações se baseiam na qualificação profissional para viabilizar situações de necessária reorganização do processo de trabalho do ACS, sem prejudicar as perspectivas legais, para garantir a prestação de ações e serviços à população. Buscam a universalidade do acesso e a equidade em saúde, em defesa da dignidade do trabalho e da vida desse ACS, dos trabalhadores da saúde e da população.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De todo o nosso tempo de trabalho, mesmo variando o tempo de serviço, as profissionais são unânimes que estamos vivenciando o maior momento de desgaste em todos os aspectos.

Um dos pilares é superar os desafios dessa pandemia, primeiramente como pessoas espiritualizadas é a nossa crença, nossa fé em Deus. E depois são os vínculos de amorosidade e cuidados criados entre as ACS's, uma com as outras colegas\amigas de ofício.

Apesar do momento ser doloroso, os nossos vínculos afetivos foram fortalecidos. Usamos a tecnologia como zoom e mett, outras vezes nos encontramos na UBS para garantir os direitos do usuário aos serviços e aproveitamos para desabafar nossas angústias, outras vezes compartilhar momentos alegres, seja do presente ou do passado recente. a pandemia não terminou e continuamos na batalha, para que o conhecimento prevaleça e em defesa de um SUS mais humanizado e menos burocrático.

Em termos gerais, o trabalho da ACS como defensores da comunidade, conduz a divulgação e envolvimento da comunidade para programas de saúde pública e fornece educação e serviços de saúde.

Os cuidados domiciliares apoiados pela ACS podem ajudar a destacar a carga substancial que a pandemia de COVID-19 colocou nos sistemas de saúde em todo o mundo. Os ACS são adequados para fornecer a sensibilização necessários às comunidades para permitir que as pessoas com COVID-19 sejam cuidadas com segurançaem casa.

Proteger a saúde e a segurança da ACS é fundamental, inclusive durante a pandemia de COVID-19. Com treinamento sobre prevenção e medidas apropriadas de prevenção e controle de infecções, os ACS podem proteger sua própria saúde ao mesmo tempo em que servem como bons exemplos de como prevenir a COVID-19 nas comunidades que atendem.

Confiar nos ACS é maximizar os recursos disponíveis para gerenciar e cuidar de pessoas com doenças mais graves e pode ajudar a manter os serviços essenciais de saúde.

Segundo cronograma do governo estadual, que segue o Plano de Operacionalização para Vacinação contra a Covid-19, pessoas de 18 a 59 anos serão vacinadas até o dia 25 de agosto, porém é importante salientar que o cumprimento dessa meta depende do envio de vacinas pelo Ministério da Saúde.

Por sua vez o envio de doses para uma cidade também está sendo condicionado ao cadastramento de pessoas no aplicativo Saúde Digital. Quanto mais cadastros forem realizados pela população de uma cidade, mais doses o Estado envia àquele município. Por isso, o avanço da vacinação a partir da chegada de mais doses para Quixadá, depende que as pessoas façam o cadastro no Saúde Digital.

Pontos estratégicos dos municípios estão disponibilizando o serviço de ajuda para aqueles que apresentam dificuldade no acesso com aplicativos e mesmo a disponibilidade de smartphones ou internet.

BIBLIOGRAFIA

BRANCO, Aline; Milanesi, Rafaela; SAKAMOTO, Victoria Tiyoko Moraes; ARAUJO, Barbara Rodrigues; CANEGNATO, Rita Catalina Aquino; **Serviço de emergência hospitalar: fluxos de atendimento a pacientes suspeitos ou confirmados para COVID-19**, *Enferm. Foco* 2020; 11 (1) Especial: 199-204, ago. 2020.

BRASIL. **Ministério da Saúde Plano de Contingência Nacional para infecção humana pelo novo Coronavírus COVID-19**. Disponível em: "<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/?lang=pt&q=au:%22Brasil.%20Minist%C3%A9rio%20da%20Sa%C3%BAde%22>" Saúde. Brasília; Brasil. Ministério da Saúde; 2020. *Biblioteca responsável*: BR1.1 Acesso em: 10 de abril de 2021.

CERTEAU, Michel. tradução: ALVES, Ephraim de. **A invenção do Cotidiano**: 2, morar e cozinhar. Vozes, Petrópolis - RJ, 1996, pag. 111

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. In: **Revista Toppi**.

Dezembro de 2002.

GARRAFA, Volnei; OSELKA, Gabriel; DINIZ, Debora. Saúde pública, bioética e equidade. **Revista Bioética**, v. 5, n. 1, 2009.

GOYA, Neusa. **O SUS no Ceará. Fascículo 4 do curso: Promoção da Equidade no SUS**. Fundação Demócrito Rocha/Universidade Aberta do Nordeste. ISBN 978-85-7529-613-4 págs.:74 – 95, 2014.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BR). **Doença pelo coronavírus 2019**. Bol Epidemiol [Internet]. 202 abr [citado 2020 abr 10]; 8:1-41. Disponível em: “<https://www.saude.gov.br/images/pdf/2020/April/09/be-covid-08-final.pdf>” Acesso em: 10 de abril de 2021;

OLIVEIRA JÚNIOR, João Geraldo de. **Agentes comunitários de saúde: fatores restritivos e facilitadores do seu trabalho na Estratégia de Saúde da Família**. Dissertação (Mestrado) Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2012.

PLANO ESTADUAL DE CONTINGÊNCIA PARA O ENFRENTAMENTO DA DOENÇA PELO CORONAVÍRUS (**Covid-19**), atual. 14 [recurso eletrônico] / Luciana Vieira – Goiânia, 2020. Disponível em: “https://www.saude.go.gov.br/files/banner_coronavirus/plano_enfrentamento/PLANO_GOI_AS_COVID19.pdf” Acesso em: 10 de abril de 2021

**(RE)PENSAR A FORMAÇÃO CONTINUADA DOS
PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO MUNICÍPIO DE
QUIXADÁ ATRAVÉS DO USO DA TECNOLOGIA NO
PERÍODO DA PANDEMIA.
(RE)THINKING THE CONTINUED TRAINING OF TEACHERS
OF THE INITIAL YEARS OF THE MUNICIPALITY OF
QUIXADÁ THROUGH THE USE OF TECHNOLOGY IN THE
PANDEMIC PERIOD.**

Ana Cláudia Viriato Ribeiro de Sousa ¹

Márcia Maria Nogueira Lima ²

Maria Neilza Lima Vieira Pinheiro ³

Resumo

O presente artigo tem como objetivo (re)pensar a formação continuada dos professores dos anos iniciais do município de Quixadá através do uso das tecnologias digitais no período da pandemia. A metodologia foi pautada em revisão bibliográfica e pesquisa de campo. Concluímos pois, que os desafios foram superados e a formação a distância contribuiu para dar continuidade ao processo de aperfeiçoamento dos professores.

Palavras-chave: Formação Continuada, tecnologia, pandemia.

¹ Professora da Educação Básica, especialista em Metodologia do Ensino Fundamental e Médio. E-mail: professoraclaudiaviriato2020@gmail.com

² Professora da Educação Básica, especialista em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica. E-mail: marciaqx2014@gmail.com

³ Professora da Educação Básica, especialista em Gestão, Coordenação, Planejamento e Avaliação. E-mail: neilzalima@gmail.com

INTRODUÇÃO

Na perspectiva de que o conhecimento é dinâmico e que a aprendizagem é um processo ininterrupto, a meta 15 do Plano Nacional de Educação (PNE), decênio (2014-2024), aprovado pela Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, assegura “que todos os professores e as professoras da educação básica possuam formação específica de nível superior, obtida em curso de licenciatura na área de conhecimento em que atuam” (BRASIL, 2017), meta essa que se amplia no contexto da necessidade real e contínua de garantir a formação continuada dos professores em serviço, atendendo as demandas da sociedade e do tempo em que se vive.

Esse artigo tem, pois, o objetivo geral de promover um (re)pensar sobre a formação continuada dos professores dos anos iniciais do município de Quixadá a partir do contexto da pandemia e da necessidade das aulas remotas, o que exigiu de todos os docentes e profissionais da educação a busca por conhecimento e capacitação em tecnologias educacionais.

Com o intuito de aprofundar o estudo e ampliar nossas análises foram definidos objetivos específicos como: pesquisar sobre a importância da formação continuada para a prática pedagógica, refletir sobre as competências do professor em relação aos recursos digitais nos tempos atuais e apresentar um relato de experiência sobre a formação continuada em tecnologia para os professores da rede pública municipal de Quixadá no ano de 2020.

Para fundamentar as reflexões substanciamos a pesquisa nos autores: Araújo e Silva (2009), Cazeloto (2008), Lopes (2014), Imbernón (2011) que contribuíram para a construção desse trabalho e estudo das temáticas abordadas, além de documentos como o Plano Nacional de Educação, decretos e portarias que orientaram o processo de planejamento e execução das aulas remotas no município logo que a pandemia da COVID-19 se tornou

real edesafiadora para a continuidade das aulas.

Nessa abordagem Araújo e Silva (2009) apresenta a importância de uma formação continuada que promova mudanças na prática educativa e conseqüentemente na aprendizagem. Cazeloto (2008) defende o uso das tecnologias digitais desde que essas também promovam a inclusão social, Lopes (2014) reflete sobre a resistência que alguns professores apresentam em conhecer as novas tecnologias como meio didático para as aulas remotas e Imbernón (2011) destaca o professor como sujeito capaz de transformar sua práxis diante dos desafios.

A presente pesquisa é resultado de uma experiência real dos desafios e enfrentamentos em que os sistemas de ensino buscam descobrir os caminhos para se adaptar à nova realidade e continuar oferecendo um ensino real e possível, que garantisse o acesso e qualidade para todos os estudantes da rede pública de Quixadá. O estudo se encontra organizado em tópicos e subtópicos, assim distribuídos: o primeiro, trata da importância da formação continuada para a práxis pedagógica, o segundo da necessidade de desenvolver competências digitais para a realidade que vivemos, seguido do relato de experiência sobre a formação continuada e o uso das tecnologias em período pandêmico, apresenta também uma análise de pesquisa qualitativa realizada com os professores que viveram essa experiência no município de Quixadá.

À medida que a pesquisa vai se consolidando, percebe-se que o uso das tecnologias nas aulas remotas se apresenta como um grande desafio para os docentes e para os profissionais em educação responsáveis pela formação continuada, considerando o processo formativo do professor que pode e deve colaborar, atuar, transformar saberes e consolidar conhecimentos na práxis docente e na formação do aluno.

REFERENCIAL TEÓRICO

Formação dos professores e sua importância para a prática pedagógica.

Pensar em formação de professores é entender que “a formação permanente se funda, sobretudo, na reflexão sobre a prática” (FREIRE, 1999, p. 25). O conhecimento é dinâmico e pode tornar-se obsoleto em pouco tempo, pois as transformações e as mudanças sócio- políticas e econômicas também são dinâmicas e desafiadoras, e com a educação contemporânea não é diferente. Nesse contexto, a formação continuada e ininterrupta se faz uma necessidade “mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados” (FREIRE, 1999, p. 24 apud SILVA, 2014, p.27).

Professores e estudantes estão constantemente tendo que acompanhar as exigências que o mundo moderno os impõe, são necessidades pedagógicas, didáticas, de uso de instrumentos e também da tecnologia digital para educação, que surgiram com a pandemia e a realidade das aulas remotas. Tudo isso vem só reforçar que a formação continuada é de fundamental importância para a práxis pedagógica e a consolidação efetiva e eficaz dos processos de ensino aprendizagem.

Nesse contexto, a formação continuada precisa ser significativa para o professor, o que pressupõe que essa capacitação integre teoria e prática de modo que ambas se articulem. Assim ela poderá provocar mudanças na prática pedagógica tornando esse profissional um ser reflexivo, capaz de transformar-se e transformar o fazer da sala de aula, consolidando e mediando conhecimentos.

A boa formação docente vislumbra repensar práticas docentes reprodutivas para práticas de metodologias ativas, em que professor e estudante são coprodutores de saberes, atendendo a atual realidade, e que

conhecimento, práxis e tecnologia devem caminhar juntas e acompanhar as mudanças indispensáveis, pois são pré-requisitos para aquisição de habilidades e competências para este século.

Vivemos um novo panorama educacional. O ensino remoto e o uso das tecnologias educacionais são as nossas práticas. Sobre esse tema Shingunov Neto e Maciel (2002) defende que as atuais mudanças da sociedade exigem um novo profissional para educação, um profissional que investiga, que busca estratégia de ensino e que valoriza a formação continuada.

O avanço tecnológico e do conhecimento é o propulsor para que professores, educadores e instituições formadoras se aperfeiçoem e busquem assegurar um ensino de boa qualidade. Candau (1997) destaca a importância de relacionar os saberes teóricos aos saberes práticos e oferecer uma formação significativa que parta das necessidades reais do cotidiano escolar.

Pimenta (2002) reforça que é na formação continuada que o professor deve encontrar a oportunidade de refletir na prática, sua prática e identificar os caminhos para enfrentar os desafios do fazer pedagógico.

Assim “[...] não há como deixar de considerar que a contextualização das práticas pedagógicas é muito importante. Isso porque não se pode ter uma visão ingênua de que o professor participa da mudança quando não se considera a realidade em que está inserido.” (SETTE et al., 1999, p. 15 apud Silva p.16,2014)

Entende-se que para que haja inovação e mudança nas práticas pedagógicas se faz necessário essa relação entre formação continuada e contexto das práticas. Levando em conta que o professor é parte integrante e participante do seu processo de formação continuada “Os motivos, as motivações do professorado, têm sido um capítulo ausente da formação de professores e da investigação sobre a formação de professores” (SACRISTÁN, 2005, p. 86 apud Silva p.25, 2014).

E no que se refere ao uso das tecnologias em sala de aula estas devem seguir o caminho da apropriação de saberes, autonomia, reflexões e críticas envolvendo a realidade dos educandos e a experiência docente. (Araújo, Silva 2009).

Os estudos de Araújo e Silva (2009, p. 329) indicam “que uma formação continuada eficaz será aquela que possibilitará uma aprendizagem que conduza a uma mudança na prática educativa”. Para os respectivos autores, a mudança é “um processo de aprendizagem relacionado diretamente ao desenvolvimento profissional do professor”. (apud SILVA, 2014, p.16)

Uma boa prática pedagógica está diretamente ligada à formação do professor e a sua consciência crítica e reflexiva de sua realidade escolar.

Competências do professor em relação ao uso dos recursos digitais: uma brevediscussão

A inclusão das novas tecnologias no ensino tornou-se um dos principais debates da educação na atualidade. Realidade aumentada, jogos e atividades interativas, aulas síncronas e assíncronas e sala de aula virtual estão entre as inovações que têm sido inseridas nas escolas, porém, mais estruturada e presente na rede privada. Na prática docente, ainda existem alguns obstáculos para integrar as tecnologias digitais com mais completude e eficiência na rotina de muitas escolas, professores e estudantes.

Segundo Galvão Filho (2002), a sociedade atual leva os adolescentes a dominar precocemente as novas tecnologias, fato que gera impactos, tanto na escola como fora dela, induzindo ao professor a necessidade de se abrir para novos aprendizados através do uso das tecnologias digitais.

No entanto, é necessário ressaltar que a inclusão das tecnologias digitais nas escolas públicas brasileiras é realizada por meio de políticas públicas que nem sempre contemplam a totalidade das instituições escolares, o que a

torna desigual. De acordo com Warschauer (2006) e Cazeloto (2008), a inclusão digital somente terá sentido se promover a inclusão social.

Dessa forma, muitos professores ficaram à margem desses avanços, tornando-se até resistentes a fazer uso das tecnologias digitais em sua prática docente. Acomodados (PENTEADO, 2000; LOPES, 2014), valem-se da falta de conhecimentos como desculpa para não modificar sua prática. Com a pandemia da COVID – 19, a saída para as escolas foi a proposta de ensino não presencial, em forma de ensino remoto emergencial.

Assim, o professor foi desafiado a conhecer, utilizar e selecionar as tecnologias apropriadas, levando em conta as características, o meio e as condições socioeconômicas dos estudantes, de forma a explorar suas habilidades e estimular a aprendizagem. Esse desafio exigiu que algumas ações fossem realizadas para dar suporte ao professor, levando-o a conhecer as diferentes possibilidades do ensino na modalidade remota. Os processos formativos foram essenciais, já que a formação continuada contribuiu para que o professor se sinta mais preparado e sejam minimizadas suas dificuldades frente ao uso de tecnologias digitais (Kenski, 2012; Richit, Mocrosky & Kalinke, 2016).

Com a necessidade de produzir novos conceitos educacionais, o professor teve que deixar de lado alguns dos antigos paradigmas e, assim, consolidar competências e habilidades para mediar o processo de ensino e aprendizagem a partir das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). As competências digitais docentes, de acordo com Ferrari (2012), se relacionam a um conjunto de conhecimentos, habilidades, atitudes e estratégias que permita a realização de diferentes atividades socialmente valorizadas com uso das TICs, tais como a colaboração, criação, resolução de problemas, compartilhamento de conteúdo e gerenciamento da informação.

Ressaltando que não é necessário que o professor conheça e utilize

todas as ferramentas digitais, mas é essencial que tenha uma compreensão basilar para ser mediador do processo de ensino e aprendizagem, promovendo reflexões e proporcionando ao estudante competências para o uso consciente e eficiente das TICs.

A formação continuada de professores em tecnologias digitais na rede pública de Quixadá: um relato de experiência.

Desde o primeiro trimestre de 2020 o mundo enfrenta o temível e ainda inexplicável cenário da Covid-19. Com a propagação do vírus que se deu de maneira rápida e até certo ponto incontrolável, a humanidade teve que recuar com seus projetos, sonhos, trabalho, diversão, lazer entre outros. O isolamento social foi uma imposição necessária. Ficar dentro de casa se tornou uma necessidade e mesmo assim os prejuízos não foram contidos na íntegra. Milhões de vidas foram ceifadas e as famílias seguem sentindo suas perdas irreparáveis. Os setores da sociedade como a economia, saúde, educação, sofreram e sofrem as mazelas decorrentes desse período pandêmico que perdura até o presente momento.

Aqui nos deteremos de forma mais específica às questões relacionadas a educação, fazendo menção à experiência do processo de formação de professores dos anos iniciais no município de Quixadá no período pandêmico; experiência essa vivida pelas autoras deste artigo, que frente ao desafio de continuar o processo formativo dos profissionais da educação, indubitavelmente foram levadas inicialmente a encontrarem respostas às muitas dúvidas que iam surgindo à medida que a pandemia se agravava e a necessidade de ficar à distância se fortalecia. A responsabilidade nos convidava a encontrar caminhos para darmos continuidade às aulas, ao atendimento aos alunos e para nós, formadores, a pensar o que e como fazer, a partir daquele momento, a formação dos professores. Entendendo a

emergência do momento, amparados pelo Parecer CNE/CP Nº 11/2020 que trata das Orientações Educacionais para a Realização de Aulas e Atividades Pedagógicas Presenciais e Não Presenciais no contexto da Pandemia e, ainda, sob a Coordenação da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC) e Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação (CREDE 12), ocorreu o consenso da realização das formações de maneira virtual.

Embora a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) mostra entre as 10 competências a cultura digital que traz a narrativa da compreensão, utilização e criação de tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva; o fato é que nem todos professores apresentam o domínio tecnológico, seja por medo, por resistência ou pelo simples fato de não saber e nem querer aprender, ou ainda o agravante fato de não ter o equipamento (notebook, computador ou celular) em suas mãos, o que dificultava mais ainda. Essa situação nos remete ao pensamento de Nóvoa (1995, p.28), quando defende que “a ação docente passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio e por processos de investigação de novos modelos de trabalho pedagógico”

A verdade é que no início da pandemia a exigência de uma nova estratégia de trabalhar se fez presente. Reinventar, redimensionar, criar novas estratégias de trabalho, foram palavras clichês que viraram rotina na categoria dos profissionais da educação. O município de Quixadá contava em 2020 com 126 (cento e vinte e seis) professores no Ciclo de Alfabetização; 56 (cinquenta e seis) professores que lecionavam o componente curricular de Língua Portuguesa e 46 (quarenta e seis) professores do componente Matemática. Quando tratamos numericamente do quantitativo de professores,

dá-se face a necessidade de compreendermos que em um universo relativamente numeroso, termos profissionais que tinham ou não domínio do uso da tecnologia era uma possibilidade bem plausível.

No período pandêmico a tecnologia tornou-se a grande aliada do professor, seja para facilitar seu processo formativo, seja para mediar o ensino e a aprendizagem, bem como a interação professor e aluno. Para isso se faz notória a competência dos professores na utilização dos recursos digitais. A preparação dos professores para a utilização do computador e da internet, segundo Moran (1999, p. 6), representa o primeiro passo. Nesse sentido promovemos inicialmente uma formação para que os professores conhecessem a ferramenta do google sala de aula e conseqüentemente pudessem acessá-la para se inteirarem dos conteúdos, atividades, avaliações e demais assuntos relacionados a formação do Programa de Alfabetização na Idade Certa (MAIS PAIC).

Ao mesmo tempo os professores formadores municipais, em parceria com a CREDE 12, durante os meses de maio a setembro de 2020, organizaram os mecanismos de capacitação, realizaram planejamentos, sempre alinhados às reais necessidades dos professores e sua clientela, na perspectiva de garantir a continuidade das formações, minimizando, ao máximo, os prejuízos desse período, pois embora não fosse a maneira considerada ideal, era o que se apresentava para oportunizar aos professores o acesso ao conhecimento.

As formações foram divididas em 05 módulos, sendo a abordagem inicial sobre o conhecimento do ambiente virtual, que compreendia a apresentação e a utilização das ferramentas digitais na Educação a Distância (EaD), caracterizado pelo ensino/aprendizagem mediados por tecnologias que permitiam que os professores estivessem em interação mesmo em ambientes físicos diferentes. Além disso, foram abordadas questões referentes ao

letramento de português e matemática e a literatura, assim como as diretrizes curriculares presentes no Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC).

As formações tratavam ainda dos fóruns para dúvidas e discussões por módulo; formulários avaliativos por módulo sobre os temas trabalhados; coleta de impressões e orientações para Webconferências.

Imbernón (2011) nos traz a reflexão de que nos tornamos sujeitos de nossas aprendizagens quando lançamo-nos aos enfrentamentos das diversas situações da docência e buscamos as soluções/alternativas que melhor atendam às necessidades apresentadas. Substanciada por essa fala a Secretaria Municipal da Educação, por iniciativa própria e atrelada a formação do Programa de Alfabetização na Idade Certa (MAIS PAIC) através das suas professoras formadoras, construíram e executaram o projeto CONECTANDO SABERES com o objetivo de investir na formação continuada do professor para o uso das tecnologias digitais, proporcionando autonomia e domínio tecnológico, superando assim as dificuldades até então enfrentadas pelos educadores.

A ementa do projeto foi organizada a partir de conteúdo que envolviam aplicativos de fácil utilização e que viesse a corroborar para um fazer pedagógico dinâmico e atrativo. Dentre eles podemos citar: *Canva*, *X-Recorder*, aplicativos do *Google (Meet, Docs, Apresentação, Forms e Classroom)*. *Mentimeter*, *Loom*, *Jamboard*, *Play Games e Kahoot*. Após as formações alguns professores passaram a fazer uso de aplicativos em suas salas de aula virtual e davam retornos positivos no grupo dos professores cursistas do MAIS PAIC que eram administrados pelas formadoras.

Por fim, a necessidade de continuar as formações em EaD, trouxe aprendizado para todos nós e apesar das intempéries apresentadas, percebemos o crescimento da equipe de professores que assumiram o papel de pesquisadores e acolheram, desde o princípio da pandemia, a ideia de

que um novo modelo de formação continuada estava surgindo para assegurar o conhecimento. Para Mercado (2002):

Com as novas tecnologias, novas formas de aprender e novas competências são exigidas para realizar um trabalho pedagógico, e assim, é fundamental formar continuamente esse novo professor que vai atuar neste ambiente telemático em que a tecnologia será um mediador do processo ensino aprendizagem. (MERCADO, 2002, p.21).

Por fim, um “novo normal” surge a partir de 2020 e a certeza de que, mesmo superando o vírus da COVID-19, o letramento digital é hoje um bem necessário ao professor nas suas mais variadas funções. Os recursos tecnológicos se configuram como ferramentas indispensáveis para a prática pedagógica dos professores no contexto da aprendizagem dos estudantes.

METODOLOGIA

A metodologia do presente estudo fundamenta-se e na abordagem qualitativa, por seu caráter interativo que, de acordo com Ludke e André (2013) determinam o contato do pesquisador com a sua fonte de dados. Foram sujeitos da pesquisa, 30 professores da Educação Básica (anos iniciais) do município de Quixadá, cursistas do Programa Mais Paic, que responderam através do *Google Forms* questionamentos, como: você teve dificuldade em participar dos momentos organizados pelos formadores do Programa Mais Paic? Quais foram suas maiores dificuldades? Quais medidas foram tomadas para alinhar o processo formativo à realidade do ensino à distância? Quais aliados favoreceram ao professor para que este permanecesse com sucesso na formação continuada a distância? Quais

ferramentas digitais o professor não conhecia antes da pandemia?

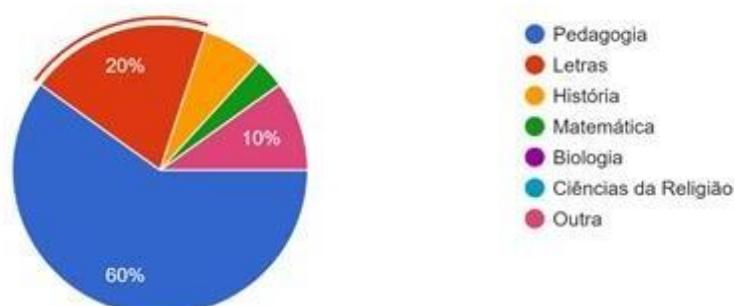
A análise das perguntas foi fundamentada em autores que tratam da abordagem ora em estudo, como: Araújo e Silva (2009), Cazeloto (2008), Lopes (2014), Imbernón (2011), que dentre outros pesquisadores contribuíram para melhor compreensão e desenvolvimento do estudo, cujo objetivo é relatar a experiência quanto a continuação do processo formativo dos professores, no intuito de instrumentalizar processos educativos e dar continuidade às aulas, de forma remota, no período da pandemia da Covid-19.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

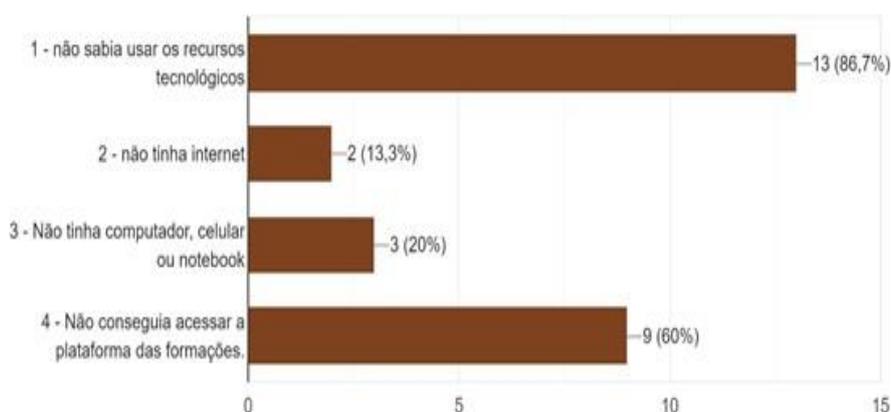
No que se refere ao perfil dos respondentes da pesquisa, percebe-se formações iniciais diversificadas sendo 18 (dezoito) professores pedagogos, 06 (seis) professores na área de Letras, 01 (um) formado em matemática, 02 (dois) historiadores e 03 (três) em outras áreas que não foram especificadas, totalizando 30 (trinta) profissionais que responderam à pesquisa através de questionário enviado pelo *Google Forms*.

Para Scheibe (2009) na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, admite-se formação mais geral, em atuação multidisciplinar. Nesse caso, 60% dos professores atendem ao perfil ideal para mediar o ensino dos estudantes dos anos iniciais, conforme podemos observar no gráfico abaixo.

Graduação:
30 respostas



Em seguida enfatizamos sobre o contexto da COVID-19 no ano de 2020 e perguntamos se os professores tiveram dificuldades em participar dos momentos de formação organizados pelos formadores do Programa Mais Paic. Dos respondentes 14 (quatorze) responderam que sim, enquanto 16 (dezesseis) afirmaram que não. Aos professores que marcaram o sim como resposta foi solicitado que evidenciassem as duas maiores dificuldades:



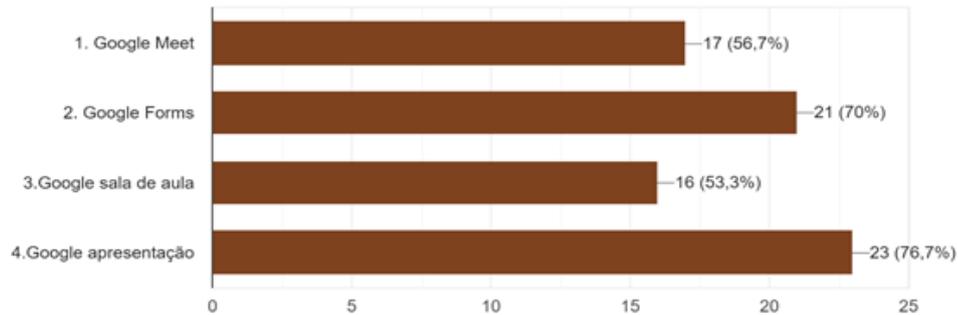
Analisando o gráfico percebe-se que o cenário inicial era um pouco complexo, pois as maiores dificuldades estavam em torno das questões de não saberem usar os recursos tecnológicos e consequentemente não conseguirem acessar a plataforma das formações, o que foi desafiador, tendo em vista que a porta de entrada dos momentos formativos se davam pelo acesso à plataforma, onde nesta estavam as atividades, material de estudo, as avaliações e os links das gravações das web conferências que poderiam ser vistos posteriormente por aqueles que tinham problemas com a internet ou outros impeditivos de assistirem os módulos em tempo real. Percebendo essa fragilidade as professoras formadoras, no sentido de atacar o problema, organizaram momentos de estudos coletivos e quando necessário, individual para apresentarem o passo a passo de como acessar e tirar as demais dúvidas acerca da plataforma.

Interrogados sobre quais medidas os professores tomaram no sentido de alinhar seu processo formativo à realidade do ensino a distância, 69,3% dos professores responderam que buscaram aprender a utilizar os recursos

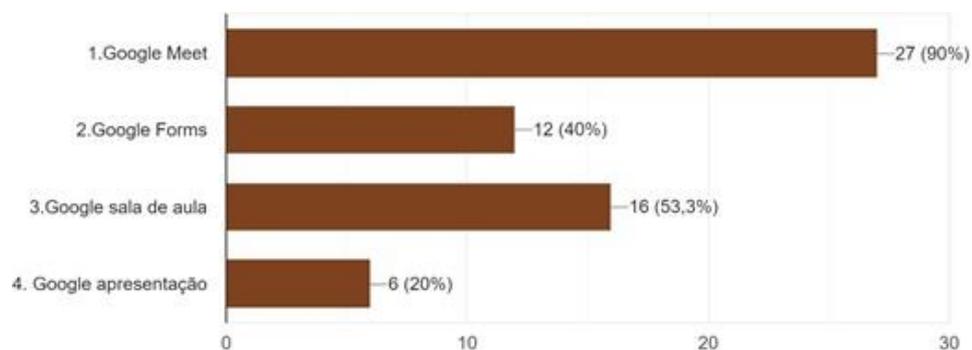
tecnológicos, seguido de 26,7% dos respondentes que sentiram a necessidade de fazer cursos em letramento digital. Evidentemente essas atitudes são assertivas do ponto de vista do compromisso individual dos professores na busca de novos saberes para implementar seus aprendizados e qualificar sua prática pedagógica. Para Moran (2007) é fundamental a formação técnica para o domínio dos programas e recursos de modo a possibilitar a articulação das tecnologias com as diferentes áreas do conhecimento.

Solicitados a responderem sobre quem os professores consideravam como aliado que favoreceu a permanência com sucesso na formação continuada a distância, as respostas foram assim apresentadas: 55,2% reconheceram a parceria dos técnicos da SME e 44,8%, os colegas professores. A outra alternativa apresentada evidenciava o apoio do núcleo gestor, opção que apresentou 0%. Compreende-se que a ausência do segmento da gestão pode ter-se dado também pela falta do domínio destes com a tecnologia. Segundo Prado e Rocha (2018), implementar novas possibilidades de prática pedagógica, tendo como princípio o uso de recursos das TICs, não é uma tarefa simples. Tal ação requer a (re)construção de conhecimentos.

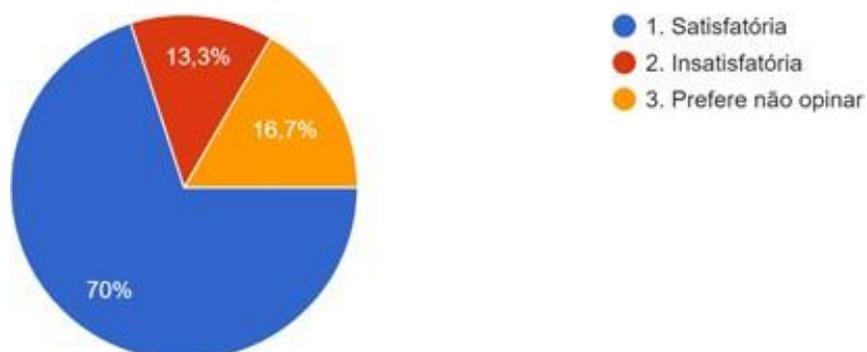
Questionados sobre quais das ferramentas do google os professores não conheciam antes da pandemia, podemos perceber que o google apresentação foi o menos conhecido com 76,7%; seguido pelo *Google Forms* com 70%; *Google Meet* 56,7% e sala de aula 53,3%. Mediante esta realidade, compreende-se que os docentes precisam inserir na sua vivência pedagógica as competências digitais, para isso a emergente necessidade de abrir-se ao novo e se permitir a construir seus saberes e utilizá-los no seu cotidiano.



É confortável saber que as respostas acima não perduram por muito tempo. Um ano após o início da pandemia e indagados sobre as ferramentas que atualmente os professores dominam e utilizam no seu processo de formação continuada, percebe-se a evolução que se teve em relação às respostas anteriores. Destaca-se aqui o domínio e utilização do *Google Meet*, com 90% das respostas, fato que denota que essa ferramenta passou a ser utilizada no período pandêmico tanto nas formações como nas aulas virtuais com os discentes, o que fez com que os professores buscassem o conhecimento para fazer o uso com autonomia.



Por fim perguntamos sobre como os professores veem a formação continuada a distância. Dos respondentes 70% mostraram grau de satisfação; 13,3% estão insatisfeitos e 16,7% preferiram não opinar.



Os resultados indicam que a utilização dos recursos tecnológicos no panorama da formação continuada dos professores dos anos iniciais no município de Quixadá, possivelmente ainda precisa melhorar, mas a realidade aponta que estamos a caminho de patamares satisfatórios. O momento suscita a constante busca pela inovação e novas estratégias de fomento ao aprendizado dos docentes sobre as tecnologias digitais e sobretudo a sua compreensão, sobre os benefícios dos recursos digitais para implementar e qualificar seus conhecimentos, corroborando assim para a melhoria da prática pedagógica dos docentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo revelou alguns dos principais desafios que os professores sentem em relação ao uso das TICs em sala de aula, principalmente no cenário da pandemia da covid-19, bem como os desafios enfrentados para dar sequência a formação continuada dos referidos docentes. Tais dificuldades apontadas, mostram a necessidade de reformas estruturais e curriculares no sistema educacional brasileiro. Mudanças que abrangem não só os cursos de licenciaturas, mas também a rede pública de ensino.

Um novo perfil docente foi estabelecido nesse período pandêmico. Os desafios e as possibilidades, enfrentadas e utilizadas, em um processo de tentativa, erro e acerto trouxe inúmeros aprendizados; para os formadores, que tiveram que buscar novas formas de alcançar os docentes, para os próprios docentes, que precisaram reinventar o modo de dar aula e para os estudantes, que tiveram que aprender a participar ativamente da construção da sua aprendizagem.

Dessa forma, a pretensão deste trabalho é ressaltar que é imprescindível aliar infraestrutura ao letramento digital do educador, para que ele possa aplicar na sua prática, teorias e metodologias com a utilização

das TICs. É fato que, quanto mais aprendemos e mais conhecimento adquirimos sobre determinada prática, mais motivados ficamos para exercê-la. Por isso, é primordial investir na formação continuada dos educadores, e isso engloba desde conhecimentos intelectuais até a sua saúde mental.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Clarissa Martins de; SILVA, Everson Melquiades da. **Formação continuada de professores: tendências emergentes na década de 1990**. Educação, Porto Alegre, v. 32, nº3, p. 326-330, set/dez. 2009.

CANAU, V. M. F. **Formação continuada de professores: tendências atuais**. In: CANAU,

V. M. (Org.). **Magistério: construção cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1997, p.51-68. CAZELOTO, Edilson. **Inclusão Digital: uma visão crítica**. São Paulo: SENAC, 2008.

GALVÃO, F. T. **As novas tecnologias na escola e no mundo atual: fator de inclusão socialaluno com necessidades especiais?** In: Anais do III Congresso Ibero-Americano de Informática na Educação Especial. Fortaleza: MEC, 2002. Disponível em: <https://www.galvaofilho.net/comunica.pdf>. Acesso em: 08 abril 2019.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KENSKI, V. M. (2012). **O novo ritmo das informações**. Campinas: Papyrus (Coleção PapyrusEducação).

LOPES, R. P. **Concepções e práticas declaradas de ensino e aprendizagem com TDICem curso de licenciatura em matemática**. 2014. 691 f. Tese (Doutorado em Educação) –Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente,2014.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. 2ª ed. Rio de Janeiro: EPU 2013.

MERCADO, Luís Paulo (org.). **Novas Tecnologias na educação: reflexões sobre a prática**. Maceió: INEP/EDUFAL, 2002.

MORAN, J. **O uso das novas tecnologias da informação e da comunicação na EAD – umaleitura crítica dos meios**. Palestra proferida no evento “Programa TV Escola – capacitação para gerentes”, realizado pela COPEAD/SEED/MEC, Belo Horizonte, 1999. Disponível em: .Acesso em: 24 fev. 2017.

MOREIRA, J. A., & Schlemmer, E. (2020). **Por um novo conceito e paradigma de educação digital online**. Revista UFG, V.20, 63438. Recuperado em 02 julho, 2020, de <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/63438/34772>

NÓVOA, Antônio. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, Instituto de Inovação Educacional, 1995, Porto Editora 2ª edição.

PRADO, M. E. B. B.; ROCHA, A. K. O. **Formação continuada do professor no contexto da programação computacional**. In: VALENTE, J. A.; FREIRE, F. M. P.; ARANTES, F. L. (Orgs.).

14 **Tecnologia e educação: passado, presente e o que está por vir**. Campinas: NIED/UNICAMP, 2018. p. 149-163.

PENTEADO, M. **Possibilidades para a formação de professores de Matemática**. In: PENTEADO, M.; BORBA, M. C. **A informática em ação: formação de professores, pesquisa e extensão**. São Paulo: Ed. Olho D'Água, 2000. p. 23-34.

PIMENTA, Selma Garrido. **Professor reflexivo: construindo uma crítica**. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Org). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002.

RICHT, A., Mocsoski, L. F., & Kalinke, M. A. (2016). **Tecnologias e prática pedagógica em Matemática: tensões e perspectivas evidenciadas no diálogo entre três estudos**. In: M.

A. KALINKE, & L. F. Mocsoski. (Orgs.). **Lousa digital & outras tecnologias na Educação Matemática** (pp. 117-140). Curitiba: CRV.

SCHEIBE, L. **Relatório final de pesquisa do projeto “Subsidio à Formulação e Avaliação de Políticas Educacionais Brasileiras: avaliação da implantação das diretrizes curriculares nacionais para o curso de Pedagogia”**. Florianópolis: CNE/UNESCO, 2009.

SETTE, Sônia S. **A tecnologia contribuindo para uma escola cidadã**. MEC/SEED/T V ESCOLA - **Salto para o Futuro**. Série: **Retratos da Escola**. Boletim 11. p. 34. 2005.

SHIGUNOV Neto, Alexandre; MACIEL, Lizete Shizue B. (Org.) **Reflexões sobre a formação de professores**. Campinas: Papyrus, 2002

SILVA, Maristela Maria Andrade. **Formação Continuada de professores e tecnologia: concepções docentes, possibilidades e desafios do uso das tecnologias digitais na educação básica**. Dissertação de Mestrado-UEFS- Recife 2014.

WARSCHAUER, Mark. **Tecnologia e inclusão social: A exclusão digital em debate**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006. 214 p

ENSINO REMOTO EM TEMPOS DE PANDEMIA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Roselene Ferreira Sousa¹

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar os desafios e as possibilidades do ensino remoto no contexto pandêmico. Apresenta uma abordagem qualitativa e o estudo de caso como metodologia. Foi desenvolvida com treze alunos de 9º ano de duas escolas públicas de Quixadá-CE. Os achados mostram que apesar dos desafios, professores e alunos encontram possibilidades de aprendizagem.

Palavras-chave: Ensino Remoto; Pandemia; Aprendizagem

¹ Mestre e Doutora em Educação – UFC. Professora de Ciências da Rede Pública Municipal de Quixadá. E-mail: rosequix@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O ano de 2020 foi diferente, em março do referido ano as aulas presenciais foram suspensas em consequência da Pandemia do coronavírus que chegou sem precedentes, sem avisar, sem que a escola se preparasse para o momento. No entanto, escolas e universidades precisavam ressignificar suas práticas, pois o que importava no momento era “nem vencer o caos nem fugir dele, mas conviver com ele e dele tirar possibilidades criativas” (GALLO, 2008, p. 49). E assim foi feito, nós professores nos reinventamos, criamos e inovamos. O Ministério da Educação – MEC através da portaria nº 343 de 17 de março de 2020, dispôs sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meio digitais no período de pandemia. O Conselho Nacional de Educação - CNE, para legalizar a utilização do ensino remoto, lançou em 28 de abril de 2020 parecer tornando favorável a reorganização do calendário escolar e a possibilidade de cômputo de atividades não presenciais

para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da pandemia da COVID – 19. Dessa forma, o parecer foi homologado pelo MEC em 29 de maio de 2020. (COSTA; NASCIMENTO, 2020)

Decretos, portarias, pareceres, medo, isolamento social e um contexto de muitas mortes e incertezas, mas as aulas precisavam seguir, a partir de então de forma remota, e os professores não estavam preparados para este desafio que o momento exigia, considerando as questões tecnológicas e também emocionais, porém “reaprender a ensinar e reaprender a aprender são desafios em meio ao isolamento social na educação do país” (CORDEIRO, 2020, p. 2).

Nesse contexto tem-se os seguintes questionamentos que nortearam a pesquisa: a) quais as dificuldades dos alunos do ensino fundamental anos finais com o ensino remoto? b) quais as vantagens consideradas pelos

alunos do ensino fundamental anos finais com o ensino remoto? e, c) quais as práticas dos professores durante as aulas remotas que favorecem a aprendizagem dos alunos do ensino fundamental anos finais?

Dessa forma, o presente estudo propõe-se a analisar os desafios e as possibilidades do ensino remoto na perspectiva de uma aprendizagem significativa dentro do contexto pandêmico. Mais especificamente tem-se os seguintes objetivos: a) identificar as dificuldades dos alunos do ensino fundamental anos finais com o ensino remoto, b) perceber as possibilidades consideradas pelos alunos do ensino fundamental anos finais com o ensino remoto e, c) caracterizar as práticas dos professores durante as aulas remotas que favorecem a aprendizagem dos alunos do ensino fundamental anos finais.

A motivação para essa pesquisa iniciou a partir da minha prática pedagógica no período remoto, com as aulas do componente curricular ciências nos anos finais do ensino fundamental. Percebendo a dificuldade dos alunos, fui estudar e aprender um novo jeito de ensinar. Aperfeiçoei o uso das tecnologias, aprendi a conhecer e a utilizar as ferramentas do google, refleti sobre alternativas que pudessem me ajudar a conectar-me com os meus alunos e percebi que é possível, mesmo com os grandes desafios que são evidenciados no cenário educacional.

Nesse sentido, percebe-se a importância desse estudo, considerando a necessidade de uma reflexão acerca do ensino remoto no contexto pandêmico em que nos encontramos, escutando as vozes dos alunos do ensino fundamental anos finais, destacando os desafios, mas também, o que é possível ser desenvolvido nas aulas remotas na perspectiva de tornar o ensino dinâmico e, eficaz, contribuindo para a aprendizagem dos alunos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A pandemia da COVID-19.

Pandemia significa um elevado aumento do número de casos de uma determinada doença. Esse número alto se configura acima do esperado numa determinada região e rapidamente se espalha para outras regiões do país e do planeta, tornando um cenário de medo e incertezas para a população, quando é necessária a intervenção do governo sugerindo e até mesmo obrigando a população a se manter em isolamento social.

Sobre a COVID-19, Cordeiro (2020) diz que,

Em 11 de março de 2020 a Covid-19 foi caracterizada como uma pandemia, visto que a mesma já se alastrava por vários países do mundo, não apenas na China. A Pandemia instalou-se em poucas semanas nos vários continentes do planeta, assustando os profissionais de saúde, pela facilidade de contágio e pela rápida letalidade, especialmente em idosos. (p.7-8)

Nesse contexto, instala-se no Brasil e no mundo, um cenário de medo, insegurança e incertezas, pois “a COVID-19 é uma doença infectocontagiosa causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV- 2), do inglês *severe acute respiratory syndrome-associated coronavirus 2*.”(BRITO et al, 2020, p.55)

Em consequência do alto contágio da doença e a rapidez com que o vírus estava se espalhando, “em janeiro de 2020 a OMS declarou que o surto constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional.” (CORDEIRO, 2020, p. 7).

A Organização Mundial da Saúde - OMS, conforme colocou a autora acima, declarou o Estado de Emergência de Importância Internacional, considerando um “[...] cenário com mais de 110 mil casos distribuídos em

114 países, a OMS decretou a pandemia no dia 11 de março de 2020.” (CAVALCANTE et al, 2020, p.2).

Dessa forma, observando a declaração da OMS e a necessidade do isolamento social, alguns países determinaram o fechamento de empresas e setores não essenciais e ainda estabeleceram que a população permanecesse em casa em consequência da pandemia da COVID-19 e, nos lugares onde o índice de contágio e mortes foram muito altos, as autoridades decretaram *lockdown*, “que é o isolamento total da população em sua casa e do fechamento quase total do comércio e de alguns serviços considerados essenciais.” (CORDEIRO, 2020, p. 8).

Os desafios do ensino remoto

A necessidade do isolamento social e o fechamento das escolas, em decorrência da pandemia da COVID-19, trouxeram para o contexto educacional o ensino remoto que é considerado por especialistas a opção mais viável dentro do cenário de pandemia, pois possibilita a continuidade do ensino e diminuirá as dificuldades e o atraso dos alunos no retorno às aulas presenciais.

Nesse sentido, Cordeiro (2020) destaca que,

É preciso levar em consideração que o ensino remoto, atualmente, é considerado a melhor saída para continuar as atividades escolares e minimizar o atraso e as dificuldades dos alunos no retorno às aulas presenciais. Entretanto, para que as atividades escolares possam ser significativas e as dificuldades sejam minimizadas, como é esperado, se faz necessário uma grande parceria e colaboração de todos os envolvidos no processo educacional. É essencial que gestões, escolas, famílias e toda a comunidade escolar se apoiem e se sintam parte integrante no processo.

A autora destaca ainda, a necessidade de um trabalho em parceria e colaboração entre escola, famílias e todos os envolvidos no processo de educação, ou seja, para que o ensino remoto aconteça favorecendo a aprendizagem dos alunos, é preciso uma atuação em conjunto de todos, incluindo também políticas públicas para dar condições de acesso às tecnologias e à internet que são fundamentais para que o ensino remoto aconteça.

É importante refletir também que o ensino remoto não é apenas para preencher a carga horária e cumprir as horas e os dias letivos previstos pelo MEC, é necessário considerar que a aprendizagem dos alunos precisa acontecer e para que a construção do conhecimento dos mesmos não seja interrompida nesse período de pandemia, o ensino remoto deve ser pensando como alternativa de contribuir com o desenvolvimento cognitivo dos estudantes.

A função principal da educação não muda pelo fato de vivermos em pandemia. A aprendizagem dos alunos ainda continua sendo o foco das aulas e o professor possui papel fundamental nesse processo. Apesar de ser um enorme desafio, o professor tem em mãos um caminho de possibilidades para conduzir a apropriação dos conhecimentos e o desenvolvimento das ações propostas, fortalecendo os vínculos entre família e escola, peças chaves para o sucesso do ensino remoto (CORDEIRO, 2020, p. 3)

Na perspectiva de contribuir com a aprendizagem dos alunos, mesmo em tempos de pandemia através do ensino remoto, Paulo Freire destaca que o professor precisa ter “[...] disponibilidade ao risco, a aceitação do novo e a utilização de um critério para a recusa do velho.” (FREIRE, 2003, p. 35).

Dessa forma, o ensino remoto traz a reflexão do fazer pedagógico

dentredesse contexto, pois “a pandemia nos impôs repensar a maneira com que o professor se relaciona com o estudante e os métodos utilizados para ensinar e avaliar.” (MARCOM; VALLE, 2020, p. 143).

Freire (2003, p. 47) ao considerar que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção” evidencia o contexto educacional vivenciado nesse período de pandemia da COVID-19, pois os professores e estudantes estão inovando e criando possibilidades para a construção do conhecimento com o ensino remoto.

METODOLOGIA

De acordo com Gatti (2007, p. 9), pesquisar “é o ato pelo qual procuramos obter conhecimento sobre alguma coisa.” Em outras palavras, pesquisar, é a busca de um corpo de conhecimentos sobre determinado assunto, e durante esse processo de busca, a pesquisa científica apresenta características específicas, dentre elas, a metodologia de pesquisa, que deve apresentar de forma clara a finalidade dos seus objetivos a serem alcançados ao final desse processo, partindo de uma problematização inicial contextualizada, buscando as respostas, pois “nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática.” (MINAYO, 1994, p. 17).

Nesse contexto, esse tópico descreve a metodologia desenvolvida nesse estudo, pois toda pesquisa científica necessita de um método sistematizado, ou seja, o caminho do pensamento, na busca do alcance dos objetivos propostos. Dessa forma para alcançar os objetivos da pesquisa e responder às questões que deram um fio condutor na busca, foi desenvolvido um estudo a partir de uma abordagem qualitativa, pois, de acordo com Goldenberg (1997, p. 34),

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa.

Dessa forma, nesse estudo foram analisados os dados em forma de palavras, preocupando-se mais com o processo da investigação, do que com o produto final, pois “[...] os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 49).

Quanto aos objetivos, a metodologia escolhida foi o estudo de caso descritivo e analítico, pois o estudo de caso “permite que os investigadores retenham as características holísticas e significativas dos eventos da vida real (...)” (YIN, 2010, P. 24). Dessa forma, teve-se a “proposta de investigar o caso como um todo considerando a relação entre as partes que o compõem” (GIL, 2009, p.8).

A pesquisa aconteceu com 13 alunos do 9º ano do ensino fundamental de duas escolas públicas do município de Quixadá (sendo sete alunos da EEF Padre Vicente Gonçalves de Albuquerque e seis EEF José Jucá) com idades entre 14 e 17 anos. Os mesmos foram identificados por números de 01 a 13, a fim de preservar suas identidades.

Para a coleta dos dados foi utilizado um questionário através do Google Forms onde os alunos responderam às seguintes questões: a)

Quais são as suas dificuldades com o ensino remoto? b) O que você gosta nas aulas remotas? c) O que você não gosta nas aulas remotas? d) Nas minhas aulas de Ciências², através do Google Meet, você gostava quando eu usava o ² Destaco aqui que sou professora do Componente Curricular dos alunos que participaram da pesquisa e usei o exemplo das minhas aulas em algumas perguntas do questionário, pois sempre uso o Google Meet, Google Forms, CANVA, You tube, entre outras ferramentas, com o objetivo Mentimeter (aquela nuvem de palavras)? Por quê? e) Nas minhas aulas de Ciências, através do Google Meet, você gostava quando eu usava vídeos do youtube? Por quê? f) Você gosta de responder atividades usando o Google Forms? Por quê? e g) Que modelo de aula no ensino remoto contribui para a sua aprendizagem?

Os dados coletados a partir das respostas dos alunos, foram analisados e organizados de forma a subsidiarem os resultados e reflexões, bem como a redação desse estudo e estão descritos no tópico seguinte.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Na análise sobre as respostas dos alunos para a pergunta: quais são as suas dificuldades com o ensino remoto? percebeu-se que os alunos das duas escolas afirmaram não gostar desse tipo de aula, pois consideram as aulassem motivação ou porque o acesso à internet é difícil.

De acordo com Cordeiro (2020, p.3),

É importante afirmar que os desafios são imensos, dentre eles, podemos destacar que as ferramentas remotas precisam ter parâmetros de qualidade, para que tenham maior eficácia, e que as desigualdades de acesso às tecnologias, são enormes, haja vista que nem todas as crianças têm computador ou tablet conectados à internet. Contudo, o ensino remoto ainda é a melhor

saída para minimizar o atraso no retorno às aulas presenciais.

Nesse sentido, a autora coloca em evidência a necessidade de parâmetros de qualidade para as ferramentas utilizadas no ensino remoto e ainda destaca a desigualdade de acesso às tecnologias conectadas à internet, fatos observados nas respostas dos alunos da presente pesquisa. Entretanto, a autora enfatiza que mesmo com essas dificuldades, o ensino remoto ainda é a melhor saída dentro desse contexto.

Dessa forma, os alunos ao responderem à segunda pergunta: o que você gosta nas aulas remotas? Os mesmos contribuíram afirmando que gostam pois, “É mais tranquilo porque não tem um barulho de uma sala cheia.” (ALUNO 01, 15 ANOS), “É interessante, gosto por ser diferente.” (ALUNO 07 – 15 ANOS), de proporcionar mais interação e motivação. Ressalto ainda que aprendi a usar essas ferramentas pela necessidade nesse contexto pandêmico.

“Temos mais foco, menos barulho” (ALUNO 10 – 14 ANOS), “Gosto porque estou em casa” (ALUNO 13 – 14 ANOS) e ainda, “o conforto de estar em casa” (ALUNO 05 – 15 ANOS).

Observa-se nas falas dos alunos pesquisados que eles gostam do ensino remoto, apesar das dificuldades, dois fatores ficaram em evidência, o fato de estar em casa e o fato de não ter o barulho de sala de aula. Sobre a temática de ficar em casa, segundo (NONATO; PINTO, 2012), em regime remoto não se faz necessário o deslocamento do aluno para a escola ou universidade e esse caráter geográfico contribui para um melhor gerenciamento do tempo em Educação a Distância e Ensino Remoto.

Ainda concordando com Cordeiro (2020) considerando que o ensino remoto é a melhor alternativa dentro desse contexto, perguntei aos alunos: Nas minhas aulas de Ciências, através do Google Meet, você gostava

quando eu usava o Mentimeter (aquela nuvem de palavras)? Por quê? Obtive as seguintes respostas: “Sim, porque tinha toda aquela participação dos alunos.” (ALUNO 01

– 15 ANOS); “Sim porque a gente consegue ter uma aula divertida e conseguimos prestar atenção.” (ALUNO 03 – 14 ANOS); “Sim, era uma forma de se expressar via anônimo, era legal” (ALUNO 07 – 15 ANOS); “Sim, ficava mais simples e didático” (ALUNO 08 – 15 ANOS); “Por que é muito legal” (ALUNO 12 – 14 ANOS).

Percebe-se nas falas dos alunos que é possível utilizar ferramentas para tornar as aulas mais participativas, interativas e dinâmicas no ensino remoto, saindo da condição de simplesmente elaborar a atividade e enviar para o aluno, ou seja, usar o Google meet, o google forms, produzir pequenos vídeos, entre outras ferramentas, podem sim contribuir para interação e motivação dos alunos.

Costa e Nascimento (2020) ressaltam que,

É importante ressaltarmos que o ensino nunca mais voltará a ser o que era antes. Embora grandes sejam as desigualdades presentes em nossa sociedade, o ensino remoto abre precedentes para novas formas de aprender e reaprender e para descobrirmos um mundo de oportunidades e a amplitude que tem a educação. Os professores vivenciaram novas formas de ensinar, novas ferramentas de avaliação e os estudantes estão podendo vivenciar novas formas de aprender e entender que precisam de organização, dedicação e planejamento para aprender no mundo digital (p. 4)

Ainda sobre as perguntas relacionadas a utilização de ferramentas nas aulas remotas, tais como You tube, google meet, google forms, os alunos responderam que gostam e acrescentaram os motivos incluindo a aprendizagem. “Sim, porque ajudava muito.” (ALUNO 04 – 14 ANOS); “Sim

porque animava bem mais as aulas.” (ALUNO 13 – 14 ANOS); “Eu gostava pq era uma forma boa de aprendizado para nós alunos.” (ALUNO 07 – 15 ANOS); “Sim, pq era mais fácil de ser entendida.” (ALUNO 11 – 17 ANOS); “Sim por quedava para aprender.” (ALUNO 12 – 14 ANOS).

Observa-se nas falas dos alunos que é preciso sim sair do modo conteudista em que o estudante é um ser passivo, que não dá conta do ensino presencial e menos ainda do ensino remoto, o aluno precisa participar, ser protagonista e interagir, pois, é importante:

[...] incorporar todas as possibilidades que as tecnologias digitais trazem: a flexibilidade, o compartilhamento, ver-nos e ouvir-nos com facilidade, desenvolvimento de projetos em grupo e individualmente, visualização do percurso de cada um, possibilidade de criar itinerários mais personalizados. Precisa incorporar também todas as formas de aprendizagem ativa que ajudam os alunos a desenvolver as competências cognitivas e socioemocionais. Mais que educação a distância podemos falar de educação flexível, online. (MORAN, 2017, p. 1)

Nesse contexto, é considerável refletir sobre o trabalho do professor no ensino remoto, ou seja, evidencia-se que diante dos desafios encontrados pelos docentes e discentes no processo de educação no período pandêmico, foi preciso aprender a aprender, foi preciso estudar, inovar e pensar nas várias possibilidades de facilitar a aprendizagem dos alunos.

De forma emergencial e com pouco tempo de planejamento e discussão (o que levaria meses em situação normal, professores e gestores escolares, público e privado, da educação básica a superior, tiveram que adaptar in real time (em tempo real) o currículo, atividades, conteúdos e aulas como um todo, que foram projetadas para uma experiência pessoal e presencial

(mesmo que semipresencial), e transformá-las em um Ensino Remoto Emergencial totalmente experimental. Fazendo um recorte desse processo, podemos afirmar que nunca a educação foi tão inovadora. Foi a transformação digital mais rápida que se tem notícia num setor inteiro e ao mesmo tempo. (ENSINO, 2020).

Respondendo à pergunta que modelo de aula no ensino remoto contribui para a sua aprendizagem? Obteve-se as seguintes respostas: “Com tarefa no Google forms e chamada de vídeo no Google meet.” (ALUNO 02, 15 ANOS); “Com apresentação de slides no google meet e explicação.” (ALUNO 13, 14 ANOS); “Debates em classe.” (ALUNO 04, 14 ANOS); “Das Aulas em que os professores, explicam e mostram de forma visível e didática o assunto da matéria.” (ALUNO 05, 15 ANOS); “Gosto da aula demonstrativa, dialogada, expositiva.” (ALUNO 11 – 17 ANOS)

Analisando as respostas, mais uma vez coloca-se em evidência que os alunos gostam de um ensino em que o professor esteja em contato com eles, seja através do google meet, ou outras alternativas em que o professor dialoga com os mesmos, ou seja, somente elaborar uma atividade e enviar para o alunoresponder não dá conta do ensino remoto, é preciso ir além, é preciso diálogo, interação, mesmo à distância e segundo os alunos pesquisados, isso contribui para a aprendizagem deles.

Sobre o assunto, Cordeiro (2020) se posiciona,

A criatividade dos professores brasileiros em se adaptar à nova realidade é indescritível no que se trata da criação de recursos midiáticos: Criação de vídeo aulas para que os alunos possam acessar de forma assíncrona além das aulas através de videoconferência para a execução de atividades síncronas como em sala de aula. Uma revolução educacional sobre o quanto a tecnologia tem se mostrado eficiente e o quanto as pessoas precisam estar aptas a esse avanço tecnológico. (p.6)

Concordando com a autora, com o ensino remoto e as aulas online, surgiram novos desafios diferentes dos desafios percebidos nas aulas presenciais, dessa forma, os professores se reinventaram, criaram possibilidades e inovaram, diante das dificuldades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que os objetivos da pesquisa foram alcançados, e as perguntas norteadoras foram respondidas, pois o estudo mostrou que embora o contexto pandêmico tenha evidenciado muitos desafios, os professores se reinventaram, criaram e inovaram suas metodologias dentro do ensino remoto para que os alunos não ficassem sem o contato com os conteúdos e não prejudicasse a aprendizagem.

Dessa forma, o estudo que se propôs a identificar as dificuldades dos alunos do ensino fundamental anos finais com o ensino remoto mostrou que os mesmos apresentam como desafios, o acesso às tecnologias com internet e ainda, segundo a pesquisa, aulas sem motivação, fatos que trazem reflexões sobre a necessidade de aulas remotas de qualidade nesse período de pandemia, bem como políticas públicas que favoreçam o acesso às tecnologias com internet.

A pesquisa também revelou, através das respostas dos sujeitos pesquisados que, embora as dificuldades sejam desafiadoras, existem muitas possibilidades de desenvolver as aulas remotas com criatividade e dinamismo, contribuindo com a aprendizagem dos alunos, contemplando o segundo objetivo do estudo que foi perceber as possibilidades consideradas pelos alunos do ensino fundamental anos finais com o ensino remoto.

Quanto ao terceiro objetivo, caracterizar as práticas dos professores durante as aulas remotas que favorecem a aprendizagem dos alunos do ensino fundamental anos finais, o estudo mostrou que os docentes aprenderam um novo jeito de aprender, estudaram, inovaram e

buscaram metodologias que contribuíam para a participação, interação e motivação dos alunos, usando as tecnologias e ferramentas do Google que, de acordo com as respostas dos alunos pesquisados, favoreciam a aprendizagem.

Conclui-se então que a pandemia da COVID-19 trouxe muitos desafios para a educação, entretanto, aliadas a esses desafios vieram também as possibilidades de enfrentar o caos instalado e, através do ensino remoto repensar e ressignificar as práticas pedagógicas com a finalidade de não permitir que os alunos ficassem sem orientações, sem ensino e sem aprendizagem, pois mesmo distante fisicamente os professores aprenderam novas formas de ensinar, novas ferramentas de avaliar, novo jeito de acompanhar o rendimento dos alunos e estes, conseqüentemente, aprendem um novo jeito de aprender.

É importante também destacar que a partir desse contexto pandêmico que se observa, o ensino não voltará a ser como antes, pois a pandemia trouxe diversas mudanças para o cenário educacional, entretanto destaca-se que são necessárias muitas reflexões sobre a temática e especialmente políticas públicas para favorecer o acesso às tecnologias e à internet para todos os alunos, considerando que a falta desses recursos se configurou nessa pesquisa como dificuldade para muitos.

REFERÊNCIAS

BRITO, S. B. P. et al. Pandemia da COVID-19: o maior desafio do século XXI. **Revista Visão em Debate. Sociedade, Ciência e Tecnologia**. 2020;8(2):54-63

BOGDAN, R. C; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto:Porto Editora, 1994.

CAVALCANTE, J. R. et al. COVID-19 no Brasil: evolução da epidemia até a semana epidemiológica 20 de 2020. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, 29(4):e2020376, 2020. Disponível em: <http://scielo.iec.gov.br/pdf/ess/v29n4/2237-9622-ess-29-04-e2020376.pdf>. Acesso em 15 jun. 2021

CORDEIRO, Karolina Maria de Araújo. **O Impacto da Pandemia na Educação: A Utilização da Tecnologia como Ferramenta de Ensino**. 2020. Disponível em: <http://repositorio.idaam.edu.br/jspui/handle/prefix/1157> Acesso em 13 jun. 2021.

COSTA, Antonia Erica Rodrigues; NASCIMENTO, Antonio Wesley Rodrigues do. Os desafios do ensino remoto em tempos de pandemia no Brasil. In: Congresso Nacional de Educação, 07, 2020, Maceió-AL. **Anais**. Maceió-AL. 2020

ENSINO Remoto Emergencial: a oportunidade da escola criar, experimentar, inovar e se reinventar. **SINEPE/RS**, Porto Alegre, 17 abr. 2020. Disponível em: <https://www.sinepe-rs.org.br/noticias/ensino-remoto-emergencial-a-oportunidade-da-escola-criar-experimentar-inovar-e-se-reinventar>. Acesso em: 29 de jun. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GALLO, S. **Deleuze e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GATTI, B., **Formação de Professores e Carreira: problemas e movimento de renovação**. Campinas-SP: Editora Autores Associados, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Estudo de Caso**. São Paulo: Atlas 2009. GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

MARCOM, Jacinta Lucia Rizii; VALLE, Paulo Dalla. Desafios da prática pedagógica e as competências para ensinar em tempos de pandemia. In: PALU, Janete; MAYER, Leandro; SCHUTZ, Jenerton Arlan (org.) **Desafios da Educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: Ilustração, 2020. p. 139-155.

MINAYO, M. C. S. (Org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORAN, José. Metodologias ativas e modelos híbridos na educação. In: YAEGASHI, Solange e outros (Orgs). **Novas Tecnologias Digitais: Reflexões sobre mediação, aprendizagem e desenvolvimento**. Curitiba: CRV, 2017, p.23-35.

NONATO, Helena Pinto; PINTO, Ernestina Nonato. **Educação a distância: Vantagens e desvantagens**. Instituto de Informática – Universidade Federal de Goiás (UFG). Disponível em: <https://docplayer.com.br/4327888-Educacao-a-distancia-vantagens-e-desvantagens.html>. Acesso em 27 de jun. de 2021.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ANÁLISE DO PROJETO CLUBE DE ESCRITORES: DESAFIOS DE CONSTRUIR SONHOS NA PANDEMIA DE COVID-19

Izaltina de Oliveira Gonzaga Rodrigues¹

RESUMO

A perspectiva de realização dos sonhos a partir de um projeto esconde desafios inimagináveis, capazes de nos fazer parar no tempo ou tomar decisões que transformam realidades. O Projeto Clube dos Escritores, da E.E.F. Padre Vicente Gonçalves Albuquerque, tem em 2020, o ano onde seu desenvolvimento aconteceria com os alunos e alunas do ensino fundamental anos finais, no entanto o isolamento social, causado pela pandemia da COVID-19, chega de maneira hostil, fechando escolas, restaurantes, igrejas, trazendo medo, angústia, tristeza, mortes. Forçando aos professores(as), sem tempo para a escolha, a fazer uso das novas tecnologias, como instrumento de trabalho no processo de ensino aprendizagem. Em meio a escuridão, o repensar pedagógico surge como um portal que abre caminhos para a esperança, nos conduzindo a vivenciar o projeto com os alunos e alunas dos 9º anos. Além da publicação do livro “Contos e Encontros Fatais,” esta também foi uma forma de cuidar, registrar e homenagear aos discentes, que não puderam ter uma festa de conclusão do curso, por causa da pandemia.

Palavras-Chaves: Projeto, COVID-19, Tecnologias.

¹ Graduada em Ciências da Religião. Pós-Graduada em Educação Global, Inteligências Humanas e Construção da Cidadania. Pós-Graduada em Políticas Públicas e Intervenções Comunitárias.

APRESENTAÇÃO

O início de cada novo ano abre para todos(as), a possibilidade de realizar velhos e novos sonhos que ficaram guardados em alguma gaveta, presos na tinta da caneta sobre o papel, salvo no arquivo do computador ou talvez (quem sabe?) perdidos no imaginário mundo do faz de conta, onde um turbilhão de pensamentos, sentimentos e entraves tratam de escondê-los, adormecê-los para que permaneçam lá, inertes, sem possibilidades de colocar-se a caminho, de ousar alçar vôo.

Sabedores da potencialidade de nossos educandos, há algum tempo, o professor Wilson e eu embalamos o sonho de viver, em meio a vida escolar, “O Clube dos Escritores”. Ele é fruto de trabalhos, junto aos nossos educandos, com diversos gêneros textuais, realizados na dura e doce rotina escolar dos últimos anos. Quanta identidade a nós revelada nos “Poemas sobre a Consciência Negra”; quantas reivindicações e desejos de melhorias a nós apresentadas na “Carta Aberta ao Diretor”; quantos gritos por respeito à liberdade a nós expressos nas respostas ao trabalho “Mulher, Onde Mora tua Liberdade?”; e quanta imaginação, engenhosidade a nós, foram tornando-se visíveis nas redações, contos, crônicas e histórias escritas por eles. Assim, fomos instigados a fazermos de 2020, o ano da construção e realização do tão esperado projeto. É hora de planejar, objetivar, pensar, fazer o nosso sonho, tornar-se sonho, também para os alunos e alunas.

O Projeto Clube dos Escritores, traz em sua essência a busca por uma formação do ser humano em seu contexto psicossocial e cultural, fazendo deste momento um encontro que envolve leitores e escritores, críticos, criativos e participativos, capazes de perceberem, compreenderem e interagirem em sua realidade, tornando-se protagonista da própria história. É preciso que alunos e alunas reconheçam-se como cidadãos e cidadãs que,

conscientes de sua atuação, fazem acontecer a transformação social, haja vista que todo processo de ensino aprendizagem, perpassa pelos caminhos da leitura e da escrita, que trazem conhecimento, favorecendo mudanças de comportamento, colaborando diretamente para o estímulo da expressão do pensamento, e conseqüentemente, o melhorar do desempenho de todos em outras áreas adjacentes. Envolvê-los cada vez mais no mundo da leitura e da escrita requer organização, planejamento e compromisso por parte daqueles que desejam construir uma sociedade mais justa, humana e igualitária.

“È preciso que a educação seja mais significativa, mais prazerosa e o que se aborda faça algum sentido para o educando, seja do seu interesse, satisfaça suas necessidades bio-psico-sociais e que o prepare para o mundo de hoje.” (Maria Augusta Sanges Rossíni)

O emaranhado de situações, questões e conhecimentos que são apresentados e propostos pela educação, fazem do mundo da leitura e da escrita, um espaço de possibilidades para adquirir informações, cultura, visão crítica, lazer, vivências sociais e transformações tanto coletiva, como individual. A leitura e a escrita são ferramentas fundamentais na construção de homens e mulheres que geram vida e experienciam novas realidades.

“Aprender a ler é antes de tudo aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Ademais, a aprendizagem da leitura é um ato de educação e educação é um ato profundamente político.” (Antônio Joaquim Severino)

O Projeto Clube dos Escritores tem como objetivo proporcionar aos educandos um espaço adequado para o desenvolvimento da leitura e da

escrita, oportunizando condições autênticas de interação com o mundo, tendo como perspectiva o lançamento do livro, destes, ao final do ano letivo. Para tanto, é importante que a escola, enquanto instituição de ensino aprendizagem, comprometa-se na ação efetiva de todo projeto.

“[...] Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-critica é propiciar as condições em que os educandos, em suas relações uns com os outros e todos com o educador ou a educadora, ensinam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos.” (FREIRE, 1997, p. 18).

É na vivência do compromisso coletivo, que a Escola, enquanto instrumento de transformação política e social, segue desenvolvendo, esperando e alcançando dias melhores para todos e todas.

O ANO DE 2020 E O PROJETO

E assim, sobre o esperar da publicação de um livro, no final do ano letivo de 2020, nasce a estruturação, o anúncio, o brilho no olhar, a alegria do compartilhamento dos saberes, através do “Projeto Clube dos Escritores,” que em sua primeira versão iria trabalhar com as turmas do 6º ao 9º ano, do ensino fundamental anos finais.

Grande foi a reviravolta vivenciada por nosso país e por nós, em março do corrente ano. Isolamento social, medo, angustia, incerteza e percas, passaram a fazer parte do dia a dia da humanidade. A orientação para todos e todas era de permanência em casa. Escolas, sindicatos, lanchonetes, supermercados, empresas, igrejas foram fechadas, o mundo parou.

Mesmo sabendo que a situação era difícil, deixamos a escola, naquela manhã da primeira semana do mês de março de 2020, com a certeza de que em 15 dias, estaríamos de volta. É importante dizer que esta certeza era real na superficialidade do fio de esperança que conduzia a nossa vida, haja vista que ao nos despedirmos, com nossas mãos encharcadas no álcool em gel, na ausência do abraço, no olhar profundo sobre nós e o outro, nas palavras oracionais que apresentava, entregando a Deus toda a problemática e implorava sua misericórdia, havia em nosso coração muitas dúvidas, que em forma de perguntas sem respostas, nos acompanharam deixando a caminhada mais pesada, petrificada na impotência humana de ser. A certeza de que não somos donos(as) do tempo se faz conhecer de maneira hostil, destruindo planos, esperanças, sonhos e vidas.

EDUCAÇÃO X TECNOLOGIA

A luta pela sobrevivência pedia dos professores e professoras, novas formas de viver a educação. A metodologia de ensino-aprendizagem exigia afinidade com as novas tecnologias, pedia coragem diante de tantos desafios ora proclamados, mais do que ensinar, era tempo de aprender. Aquele retorno, programado para pós quinze dias, aconteceu mais de três meses depois, de forma virtual.

“Cada vez que pensamos dominar o futuro, ele se transforma! Cada vez que pensamos já ter aprendido tudo, o tudo é nada. (Max G. Haetinger).

As transformações dentro da realidade vivenciada nesse processo, não permitiam questionamentos sobre querer, saber ou entender das novas tecnologias. O transformar, se deu no espaço da casa, que virou sala de aula, no adquirir de um aparelho, uma internet de qualidade e no aprendizado básico de abrir uma sala virtual, preenchida por telas,

carregadas pela dor do distanciamento e sob o desejo de resposta para a mesma pergunta: Tia, quando é que nós vamos voltar para a escola? A desordem causada pela COVID-19, desencadeou um abstruso de questões que nos conduziram a uma reflexão ativa sobre o sentido da vida, da rotina, a vivência dos valores, a necessidade de ser e estar em família. Percebeu-se a importância do conhecimento pessoal, coletivo e compartilhado, pois a busca por estratégias para sair da situação babélica em que o mundo se encontrava, pôs nas mãos de cada um, o cuidado de todos(as). Segundo FREIRE, “estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é.” Dessa forma, sem sede própria, a escola em meio a pandemia e por meios tecnológicos, torna-se presente na vida de cada um e cada uma, levando a todos(as), uma nova possibilidade de aprendizado.

UM NOVO OLHAR SOBRE O PROJETO

É em meio a este contexto de isolamento social, que o Projeto Clube dos Escritores é repensado. Novos caminhos e estratégias chegam de forma dinâmica, abrindo espaço não somente para o novo, mas para a continuidade da vida escolar, dentro da movimentação diária que é aprender.

“A criatividade ultrapassa o puro lazer e pode converter-se em aquisição de conhecimento quando se processa planejadamente. É um meio de apropriação e transformação da realidade, gerando prazer e conhecimento, de forma exclusiva. Supõe uma relação do homem com o mundo, em que o alvo não é meramente o conhecimento do que existe, mas a exploração do existente para algo novo.”(BORDINI; AGUIAR, 1993, P. 71).

Quando o Professor Wilson e eu voltamos a conversar sobre o projeto, já estava no finalzinho do mês de setembro de 2020, e a minha grande

preocupação naquele momento era sobre, como iríamos registrar o final do ciclo, vivenciado pelos alunos e alunas que estavam terminando o 9º ano, pois eles(as) não teriam a festa de termino de curso. Surge então a grande ideia, o grande desafio, de em meio a pandemia construir, junto com as turmas do 9º ano, a escrita e a publicação de um livro.

A VIVÊNCIA DO PROJETO

Foram muitas as perguntas feitas a nós mesmos, e a partir delas, algumas com respostas e outras sem, iniciamos o projeto. Naquele instante compreendemos que ser professor(a) é um eterno aprender e desaprender, a fim de reaprender outra vez.

“É necessário esvaziar - desaprender-se - para aprender, atitude que possibilita a formação de outro pensamento, isto é, sair da posição das evidências e das naturalidades. Permitir-se transgredir para abrir possibilidades para a experiência. Aprender com a lacuna do vazio e sentir tal potência, aproveitando esse espaço como possibilidade de novas criações. Há que se desaprender para reaprender, tornar possível as possibilidades ainda não exploradas e, então, construir uma sociedade mais humana e fraterna. (ROSANGELA NIETO DE ALBUQUERQUE, 2013, P. 23)

Diante da realidade pandêmica, que trazia insegurança, e partindo do pressuposto de que não tínhamos nada, comunicamos a direção e a coordenação pedagógica da escola sobre nosso projeto, aguardando destes, um posicionamento de apoio, acompanhamento e ajuda financeira para a concretude do sonho. Seguimos. Era preciso sensibilizar os alunos e alunas

a participarem ativamente como protagonistas da ousada proposta de tornarem-se escritores(as).

Ao convidar os alunos e alunas, dos 9º anos, para participarem do projeto, o apresentamos como forma honrosa de deixar o nome de cada um e cada uma registrado na história da escola, ultrapassando assim, o arquivo morto, experienciando o conhecimento e a vida em muitas vidas, dentro e fora do espaço escolar. Foram oito, o número de alunos(as) que aderiram ao projeto e tornaram-se protagonistas da própria história, em tempos sombrios e de muitas dores.

Tendo o Whatsapp como principal ferramenta, formamos o grupo clube dos escritores. Este espaço de conversações, discussões, troca de ideias e encaminhamentos dos escritos foi importantíssimo para as tomadas de decisões, acompanhamento dos trabalhos e marcação dos encontros para tirar dúvidas e vivência das oficinas. O tempo dentro do seu contexto de passagem, nos dizia a todo instante da pressa, cobrando de nós, professores, além da estruturação do livro, meios econômicos para tê-lo em nossas mãos. Dessa forma, buscamos a ajuda da professora Etiene Gonzaga que a partir das suas habilidades manuais e o uso tecnológico, acolheu nosso projeto, tornando-se essencial dentro do pensar palpável de um sonho. Sua integração ao grupo, fortaleceu nosso esperar, a certeza de que estávamos no caminho certo.

“Há uma diferença entre adaptação e integração. Não somos um animal de adaptação, mas de integração. Quando alguém se adapta a uma situação, é por ela absolvido. Quando alguém se integra, passa a fazer parte. Quando adaptado, é parte, tem uma postura passiva. Quando integrado, faz parte, a postura é ativa. (CORTELLA, 2017, P.22)

Assim os interagentes de todo projeto, cada um e cada uma, em sua individualidade, foram, juntos(as), construindo com criatividade, coragem, empenho e determinação o protagonismo da vida real, que dissolvido pela pandemia, parecia encontrar espaço, somente no mundo digital e virtual.

A estratégia pedagógica utilizada na escrita dos textos, que iriam compor o livro, nasce na releitura e reescrita de uma produção textual, feita pelos alunos e alunas, quando estavam no 6º ano, cuidados e guardados com muito zelo pelo professor Wilson. O gênero conto, com a temática de terror ocupa, agora, o espaço literário e passa a ser regido pelo dinâmico mundo do imaginário de cada escritor e escritora, aqui envolvidos. As oficinas de leitura, escrita e desenho, foram determinantes no fortalecimento das potencialidades, gerando neles(as) o desejo de escreverem mais um texto individual e um coletivo. Já se aproxima dezembro. As vacinas contra a COVID-19 começam a chegar e junto com ela, se renova o brilho no olhar, o sorriso no rosto e a possibilidade de nos encontrarmos. Assim, com todos os cuidados sanitários e sob a confiança dos pais e mães nos encontramos de forma presencial na escola. Um misto de sentimentos nos levou às lágrimas, uma grandiosa alegria, expressava nossa gratidão a Deus e a ciência. O encontro foi marcado pelo compartilhamento das experiências vividas no isolamento social, pela escolha do título do livro, as sugestões para a capa e por todas as informações relacionadas às despesas e ao lançamento. Compramos e vendemos os livros, antes mesmo de tê-los conosco. Em meio às tecnologias, coube a professora Etiene, além da diagramação, fazer de forma manual a construção da capa e de todo o livro, o que demandou tempo e aprimoramento nos detalhes e acabamento.

Chegou o dia de apresentarmos ao mundo o resultado do nosso trabalho. A preparação para a live pedia local de apresentação, equipamentos tecnológicos específicos e conhecimentos para direcionar

este momento. Entraram em cena os jovens Paulo Gabriel e Raimundo Neto, que em reunião conosco trouxeram propostas e orientações para a grande experiência de lançamento do nosso livro. O experimento da virtualidade, proporcionou ainda o registro da cerimônia de conclusão das turmas dos 9º anos de 2020. O Professor Valdeci e eu, conduzimos toda a live. Conosco o Diretor Tim, com sua presença significativa, junto com todos(as) os que nos acompanharam virtualmente, testemunharam todas as emoções das alunas Jane Queli, Renata Souza, Dara, Isabelly Nobre, Rebeca Vieira, Talita, Rita Camila e do aluno Pedro Henrique, ao falarem sobre o projeto, descreverem um pouco sobre sua obra e pegarem nas mãos, o livro “CONTOS E ENCONTROS FATAIS,” para autografar. O sonho, agora visualizado e palpável, conferia a todos os envolvidos(as), a certeza de que desafios podem ser vencidos e que mesmo em meio a dor, existem sempre novos caminhos que podem ser construídos e trilhados.

CONCLUSÃO

A coragem, o empenho e a dedicação com que a escola, a família e a comunidade escolar vivenciaram o Projeto Clube dos Escritores, foi evidente, propiciando para este tempo pandêmico o impactante desafio de perceber-se vivo, em um período de tantas mortes, descasos e indignações. Toda a vivência do projeto é marcada pelo compromisso de ser sinal de acolhimento e esperança para todos(as) que iam chegando e agregando-se ao sonho coletivo de tornar-se instrumento de transformação pessoal e social. O resultado de tudo isso foi a entrega para a comunidade escolar, às famílias e a sociedade, do livro “CONTOS E ENCONTROS FATAIS,” que abre caminho para muitos outros que fluirão, na escola, na continuidade do Projeto Clube dos Escritores. Realidades são mudadas, a partir dos movimentos que fazemos acontecer na vida.

REFERÊNCIAS

BOMBASSARO, Luiz Carlos. **As fronteiras da epistemologia: como se constrói o conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1992.

CALLAI, Helena (Org.). **O ensino em estudos sociais**. 2ª ed. Ijuí: Unijuí, 2002.

CALLAI, Helena. **Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. In: Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KLEIMAN, Ângela B. & MORAIS, Silvia E. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999.

LIBANEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação Escolar: Políticas Estrutura e Organização**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

NEVES, Iara C. B. et alli.(Orgs.) **Ler e Escrever: compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: Ed da Universidade/UFRGS, 1998 Parâmetros Curriculares Nacionais.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches; **Aprender tem que ser gostoso...** Editora Vozes, 2ª Edição.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Filosofia da Educação: Construindo a Cidadania**. Ed. FTD, 1994.

SOARES, Magda. **Linguagem e Escola: uma perspectiva social**. São Paulo, Ática, 1986.

GUEDES, Paulo C.; SOUZA, J. **Ler e Escrever- compromisso de todas as áreas**. NEVES, ICB; SOUZA, JV; SCHÄFFER, NO; GUEDES, P, p. 135-53, 1998.

CORTELLA, Mario Sergio. **Basta! Reflexões Urgentes Para Pais e Mães**. São Paulo, CORTEZ EDITORA , 2017.

HAETINGER, Max G. **A escola que encanta e transforma vidas**. Fortaleza, EDITORA CeNE, 2017.

ALBUQUERQUE, Rosangela Nieto de. **As desaprendizagens do professor**. Revista Construir Notícias. Recife, EDITORA CONSTRUIR, 2013.